

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ PAULO MENDES

URUBUS X SEP (SOCIEDADE ESPORTIVA DE PICOS):

As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992

Picos/PI
2014

JOSÉ PAULO MENDES

URUBUS X SEP (SOCIEDADE ESPORTIVA DE PICOS):

As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior HolandaCoe.

Picos/PI
2014

Eu, **José Paulo Mendes**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 11 de agosto de 2014.

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M538u Mendes, José Paulo.

Urubus x SEP (Sociedade Esportiva de Picos): as relações entre futebol e política na cidade de Picos-PI de 1989 a 1992 / José Paulo Mendes. – 2014.

CD-ROM: 4 ³/₄ pol. (65 p.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador (a): Prof. Dr. Agostinho Junior Holanda Coe.

1. Cultura Política. 2. Futebol. 3. Identidade. I. Título

CDD 796.981 22

JOSÉ PAULO MENDES

URUBUS X SEP (SOCIEDADE ESPORTIVA DE PICOS):

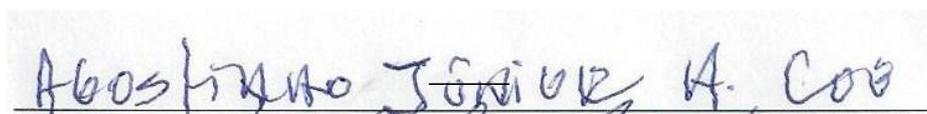
As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

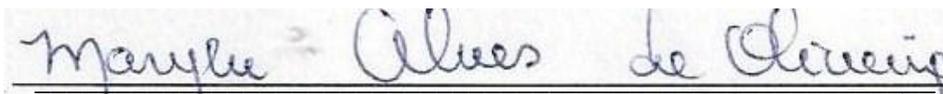
Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior HolandaCoe.

Aprovado: / /

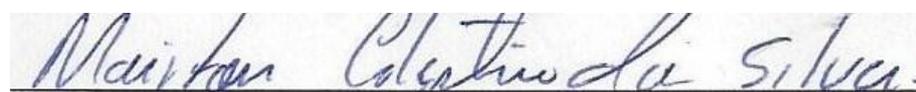
Banca Examinadora



Profº. Dr. Agostinho Junior Holanda Coe



Profª. Ms. Marylu Alves de Oliveira



Profº. Ms. Mairton Celestino da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a meus pais, agradeço as minhas irmãs com quais convivo diariamente, cada uma a sua maneira me foram de grande ajuda.

Aos amigos, sei que tinha muita gente torcendo por min, e principalmente aos da turma que tiveram que me aturar durante todo esse tempo. Porém não posso deixar de agradecer especialmente a turma do fundão. Não vou aqui citar o nome de ninguém para não correr o risco de cometer alguma injustiça. É claro que dentre tantas pessoas, tem umas que você tem mais afinidade que outras, porém estas sabem de quem estou falando não preciso citá-las.

Quero agradecer aos professores que por nossa turmapassaram,todos me foram de grande importância. Prof. Lins, Johny, Gleison, pessoas do bem sempre me incentivando e me dando força e sempre dispostos a ajudar. Prof. Mairton, prof. Raimundo sempre me perguntando por este trabalho e me dando dicas, professora Renata, Olívia, Marta, Natália, Ana Maria, Erinalda, Nilsângela, Naudiney, Pimenta, Ana Paula, Rodrigo, Frederico, David, Francisco Silveira, Deusilândia, enfim, todos cada um a sua maneira muito me ajudaram.

Não posso esquecer o jornalista Anderson Santos que apesar de não conhecê-lo pessoalmente muito me ajudou com dicas e fontes, agradeço também aos funcionários do Arquivo Público de Teresina que sempre me foram bem atenciosos, os funcionários da Câmara Municipal de Picos pela colaboração e aos responsáveis pelo museu Ozildo Albano por terem me permitido pesquisar os seus jornais.

Gostaria de agradecer especialmente ao professor Agostinho meu orientador por ter aceitado participar desse trabalho e pela paciência e camaradagem. Professor Francisco Nascimento e professora Maryllu, estes dois não sei se por incomodá-los tanto, foram os que mais me ajudaram, nunca os procurei para não ser atendido e ajudado, agradeço de mais a vocês pela força, paciência e saco para me aturar, obrigado pelos conselhos, sempre me incentivando e me botando pra cima. Valeu!!

RESUMO

Este trabalho analisa a cidade de picos do final da década de 1980 e começo da década de 1990. Neste momento, o espaço urbano picoense passava por uma conturbada administração pública, onde a cidade era estereotipada como “cidade dos urubus”, por causa de esgotos a céu aberto, e a grande quantidade de lixo espalhado pelas ruas. Para dirimir tais problemas urbanísticos, neste período o prefeito em exercício José Nery de Sousa se apropriou do time de futebol local SEP (Sociedade Esportiva de Picos) com o objetivo de angariar maiores projeções na política local e melhorar sua imagem frente à população. Para tanto, investigaremos este momento para pensar as aproximações entre futebol e política na cidade de Picos a partir da análise do SEP e suas relações com a cultura política picoense.

Palavras-chave: cultura política – futebol - identidade.

ABSTRACT

This project analyzes the city of Picos in the late 1980s and early 1990s. Currently the Pi urban space of Picos went through a troubled public administration, where the city was stereotyped as "City of Vultures", because of the open sewers, and the great quantity of trash thrown in the streets. To address such urban problems, in this period the acting mayor José Nery de Sousa took over the local soccer team SEP (Sociedade Esportiva de Picos) in order to get higher projections in local politics and improve its popularity with the population. To do so, we will investigate this particular moment to think about the similarities between football and politics in the city of Picos from the analysis of the SEP and its relations with Picos' political culture.

Keywords: Political Culture. Soccer. Identity.

SUMÁRIO

Introdução -----	8
Cap. 1: A chegada do futebol no Brasil -----	11
1.1 Futebol como construção de identidades: apontamentos sobre memória, cultura e política -----	11
1.2 Popularização e profissionalização do futebol no Brasil -----	21
Cap. 2: O Futebol como cultura política -----	32
2.1 O futebol entre guerras -----	32
2.2 Futebol e ditaduras-----	36
2.3 Futebol como cultura política no Brasil -----	39
Cap. 3: Futebol como cultura política no Piauí -----	44
3.1 Governos Alberto Silva -----	44
3.2 As relações entre futebol e política na cidade de Picos -----	46
3.2.1 Romeiros do futebol -----	46
3.2.2 O morro arquibancada -----	48
3.2.3 Os Jogadores -----	49
3.3 Urubus X SEP -----	50
3.3.1 Os vereadores e as relações com SEP -----	56
Considerações Finais -----	58
Fontes e Referências -----	60

INTRODUÇÃO

Pode-se considerar o futebol, pelo menos no sentido dos elementos escolhidos culturalmente para simbolizarem a identidade de um povo, como uma das maiores paixões do brasileiro e de boa parte dos habitantes de diversos países mundo afora. Apesar do uso político, o futebol é uma atividade de lazer e grande ferramenta de sociabilidade. Este esporte também é gerador de sonhos e ilusões, uma vez que, a grande maioria das crianças no Brasil, principalmente de baixa renda, sonha em ser jogador de futebol profissional, mesmo que não seja totalmente apto para tal função.

A relação entre time, paixão e identidade é uma questão que sempre foi alvo das minhas inquietações. Neste sentido, este trabalho tem a ver com alguns aspectos que me constituem enquanto indivíduo. Falando em paixão e sonhos, comigo não foi diferente, nascido em uma família pobre, o futebol foi também um dos meus primeiros sonhos de criança, com ele, dentro de minha concepção infantil, conseguiria unir o útil ao agradável, divertir-me-ia e ainda teria uma situação financeiramente viável. Não quero aqui dizer que jogar futebol não seja um trabalho, porém este, em sua feitura, naquele momento em minha concepção, seria muito diferente das outras formas de “trabalhos braçais”, assim como a ideia de exaustão física associadas a ele. Os indivíduos capturados pelo discurso da elite, no finalzinho do século XIX e começo do século XX, nas palavras de Sidney Chalhoub (1986) precisavam absorver o discurso de que o trabalho dignificava o homem (com intenção de disciplinar principalmente o indivíduo pobre e ex-escravo).

O tempo passou e o sonho de ser jogador de futebol profissional foi ficando cada vez mais difícil. Quando a perspectiva de ser jogador se esvaiu, continuei praticando o futebol como forma de lazer, como um elemento de prazer desestressante, prática esta que me trazia vários benefícios tanto físicos como sociais. Porém, por conta de um rompimento nos ligamentos dos joelhos tive que parar, já que, como jogador profissional não foi possível ter êxito. Então pensei: vou trabalhar com futebol, seja qual for a função: roupeiro, gandula..., contudo, isso também não foi possível. Depois de muito tempo e por ação do destino, vejo-me dentro de um curso de História com a possibilidade de fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e este me proporciona a oportunidade de trabalhar com o futebol. Esta possibilidade ficou mais evidente ainda durante uma experiência com a professora Ana Paula Cantelli com um trabalho parecido envolvendo o tema, aí pensei, por que não tentar fazer?

Após uma conversa com a professora Marylu e algumas indicações, resolvi que esta seria minha linha de pesquisa e comecei correr atrás das fontes.

Porém, o tempo passou e muitas coisas mudaram na minha vida, principalmente a minha visão sobre o futebol. Atualmente o vejo de outra forma e o contemplo de outro ângulo. O futebol já não é mais só festa e alegria, eu agora o vejo de forma mais crítica e com certa desconfiança.

Este trabalho teve como objeto de pesquisa a sociedade esportiva de picos (SEP), (time que representa a cidade de Picos e do qual falaremos mais adiante) no período de 1989 a 1992 na cidade de picos. O objetivo geral é perceber de que forma se constituíam as relações entre futebol e política na cidade de Picos, isto é, investigar como os políticos, principalmente o prefeito José Nery¹, se apropriaram da prática do futebol, especialmente no caso de Picos, associando este esporte aos seus atos, mandatos, eleições e atividades em relação à coisa pública. Contudo, o trabalho será problematizado a partir de outras questões: quais as estratégias utilizadas pelo prefeito José Nery com relação à visibilidade que o futebol lhe propiciava em Picos e no Piauí? Como o futebol se insere no Brasil como parte de uma cultura política? Quem eram as pessoas que acompanhavam o time da SEP durante os jogos? De que maneira a SEP proporcionou pelos menos a alguns jogadores certa melhora social?

O trabalho foi feito numa perspectiva da História Cultural, tendo como norte teórico as discussões sobre a Nova História Política. O principal conceito que utilizamos como base de sustentação dos nossos argumentos foi o de “cultura política” de Serge Berstein e Ângela de Castro Gomes, pois este nos deu maior suporte na hora de interpretar os acontecimentos do período estudado.

Depois de algumas pesquisas no Museu Ozildo Albano, Câmara Municipal de Picos e no Arquivo Público de Teresina, (este último por indicação da professora Marylu Oliveira), percebemos que a quantidade de documentação impressa sobre a temática era confortável e resolvemos trilhar por este caminho, sabemos que o cruzamento destas fontes com outras seria o mais indicado, porém, devido serem necessárias análises metodológicas diferenciadas resolvemos deixar para quem sabe um trabalho futuro no qual pudéssemos melhor explorá-las.

Para melhor compreensão das questões administrativas da gestão da época, utilizamos as Atas da Câmara Municipal de Picos, o que nos deu melhor percepção quanto à maneira que

¹Jose Neri no período estudado era empresário do ramo de bebidas, foi vice-prefeito de 1985 a 1988, prefeito nos anos de 1989 a 1992. Foi eleito o segundo Deputado Estadual mais bem votado no Piauí em 1994, onde assumiu a cadeira até 1996 quando voltou a prefeitura de Picos. Foi reeleito em 2000 onde ficou no cargo até 2004. Católico fazia romarias para Juazeiro e Canindé todos os anos.

os administradores e legisladores avaliavam o desempenho do futebol, muitas vezes, segundo a opinião de alguns políticos, o futebol era usado para mascarar a realidade da cidade, provocando a reação dos vereadores diante de tais atitudes. Utilizei o jornal “Tribuna de Picos” encontrado no museu Ozildo Albano, e o jornal “O DIA” com destaque para a coluna esportiva “Prego na Chuteira” de responsabilidade de Deusdeth Nunes. Uma coluna escrita de maneira simples com palavreado muitas vezes chulo beirando a vulgaridade, e que provavelmente tinha como público alvo o “cidadão comum”.

Este jornal era de circulação estadual e pertencente ao Arquivo Público do Piauí localizado em Teresina, capital do Estado os quais estão listados no final deste trabalho. Nós os utilizamos de modo a entender o contexto do esporte no Estado, e a inserção do time picoense em âmbito estadual naquele momento, assim como perceber a maneira que o Sr. José Nery e a torcida da SEP eram vistas pelos colunistas do periódico. O jornal “Tribuna de Picos” encontrado no Museu Ozildo Albano apesar de ser o único exemplar encontrado, nos deu uma boa compreensão do que se passava entre a SEP e administração no período estudado. A internet também nos foi de grande ajuda nos propiciando acesso a uma infinidade de fontes, como documentários, periódicos online entre outros.

O trabalho foi dividido em três capítulos, no primeiro falamos de identidade, cultura política e o futebol. Com relação a este último procuramos analisar de forma resumida a sua chegada no Brasil e suas transformações no decorrer do tempo, desde seu caráter elitista passando pela popularização, se transformando em identidade até ser considerado como cultura política. No segundo, fizemos uma viagem passando por guerras, ditaduras e também governos que se diziam democráticos mostrando todo poderio do futebol e como o mesmo se configurou como cultura política no Brasil e em alguns outros lugares mundo afora. No terceiro partimos para o nosso principal objeto que é a SEP na cidade de Picos e suas relações com a política municipal, principalmente no que diz respeito à apropriação do prefeito José Nery da Sociedade Esportiva Picos como ferramenta política.

CAPITULO I – A CHEGADA DO FUTEBOL NO BRASIL

1.1 - FUTEBOL COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: APONTAMENTOS SOBRE MEMÓRIA CULTURA E POLÍTICA.

Varnhagen desde o século XIX já sinalizava para a necessidade de se criar algo que desse uma identidade ao Brasil, algo que lhe desse respaldo mundo afora. Para Nilo Odália (1997, p. 12), “devemos passar por ele (Varnhagen) para conhecermo-nos como nação, visto que em sua obra encontramos os elementos mais significativos da problemática política do nosso século XIX”. Segundo José Murilo de Carvalho (1990), com a proclamação da república foi criado um conjunto de símbolos para dar sustentação a constituição de uma identidade brasileira, pois neste período surgiu a bandeira nacional e vários monumentos são construídos como forma de se criar uma memória e uma identidade nacional.

Contudo ao contrário de alguns símbolos que são construídos pelo Estado, o futebol de acordo com Pereira (2000, p. 107), surgiu espontaneamente. Pois “a grande comoção causada na cidade em 1908 pelo jogo contra os argentinos evidenciava que nem só de brilho de intelectuais ou da força do poder público era feita esse furor nacionalista”, referência aos jogos realizados no Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, Getúlio Vargas se apropriou do futebol, trabalhando-o como símbolo de identidade nacional, depois que o mesmo percebeu o potencial político do esporte (DRUMOND, 2009). Para Simoni Lahud Guedes (2009), um dos pontos em comum que o futebol tem com relação aos símbolos criados pelo Estado são os rituais de confirmação de pertencimento, como por exemplo, as festas cívicas, como o 07 de setembro data que se comemora a Independência do Brasil. Para Simoni (2009), Copas do Mundo são o ritual de congregação máximo de uma identidade nacional.

Literatos, como Lima Barreto no século XIX também trataram da identidade nacional. Em sua obra, Policarpo Quaresma, um nacionalista e entusiasta, tornou-se defensor dos costumes brasileiros, fazendo uma crítica aos políticos da época (BARRETO, 2001). Até mesmo nos quadrinhos surgem personagens que dão um sentido a brasilidade. Em 1940, por exemplo, Walt Disney de passagem pelo Brasil e em missão política para conseguir aliados para os Estados Unidos na segunda guerra, criou o personagem Zé Carioca (RAMONE, 2013).

Com o tempo, esta construção identitária sofreu várias modificações até chegar ao sujeito “tipicamente carioca”, malandro apaixonado por mulheres, futebol, feijoada e samba, típico representante do jeitinho brasileiro. Este ideal de “malandro”, segundo José Murilo de Carvalho (1987), surge com a República, era o Bilontra, espertalhão, que, com o passar do tempo, vira elemento identitário do Brasil, ligado em sua maioria das vezes ao futebol.

Percebe-se que não se pode falar da sociedade e cultura brasileira sem mencionarmos o futebol, pois dentre as muitas manifestações culturais, o futebol, talvez seja a que mais se destaca mundo afora, uma vez que geralmente dentre os elementos que foram construídos como marcas identitárias nacionais, o futebol esteve ligado diretamente ao samba, a caipirinha, a feijoada, à mulata. Todas essas características e outras que aqui não foram mencionadas são traços de nossa cultura, as quais dão o sentido de brasilidade, “ilha exótica, derretendo-se ao sol entre rebotados maravilhosos e dribles desconcertantes”, assim se referia Edwar de Alencar Castelo Branco ao Brasil em seu *Todos os dias de paupéria*, (2005, p. 46), fazendo uma alusão ao carnaval e ao futebol respectivamente, identificando-o metaforicamente, e evidenciando a ligação que o Brasil tem em relação às duas práticas culturais acima citadas.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000), as identidades podem ser vistas sob duas perspectivas, a essencialista e a não essencialista. A primeira mostra uma identidade fixa e imutável. O futebol se enquadra melhor na perspectiva não essencialista, pois apesar de não sabermos se no futuro o futebol vai continuar sendo símbolo identitário brasileiro, sabemos que até o começo do século XX ele não era. Este foi construído, quem sabe até mesmo involuntariamente, pois “esses produtos culturais, ao circularem em meio à sociedade, foram transformados por seus consumidores e readaptados por seus produtores, readequando-os às suas exigências da sociedade em questão” (DRUMOND, 2009, p. 244). O que importa, é que, com o passar do tempo ele foi trabalhado e aperfeiçoado e hoje identifica nossa nacionalidade.

Segundo Rodrigues (2002 p. 87), o futebol começa a aparecer no cenário como identidade depois da copa de 1938, e se consolida como identidade nacional em 1970, depois da conquista da Copa, do mesmo ano, sobre a seleção italiana, ressaltando a figura de Pelé como herói nacional. Corroborando com Rodrigues, Simoni Lahud Guedes completa,

Esse processo é disparado na Copa do Mundo de 1938, ocorrido na França em que, pela primeira vez, a seleção brasileira é notada no exterior, consagrando Leônidas da Silva e Domingos da Guia, e assume dimensões definitivas, grandiosas e dramáticas na Copa do Mundo de 1950, ocorrida no Brasil (GUEDES, 2009, p. 461/462).

Apesar de na época ser um elemento identitário da elite, segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), em 1908 em jogos disputados com o selecionado argentino esse sentimento de pertencimento e patriotismo já se apresentava com bastante força e ao contrário dos elementos forjados pelo Estado com o intuito de dar sentido de brasilidade, o futebol mesmo surgindo de forma involuntária talvez tenha conseguido maior êxito neste quesito. Fabio Franzini acrescenta mais,

Foi somente no final da década, em 1919, que se produziria o grande amálgama entre o sentimento nacional e a bola, graças ao terceiro campeonato Sul-Americano de futebol, realizado no Rio de Janeiro [...] com o título, o futebol, pouco mais de duas décadas depois de lançar suas raízes entre nós unia o país, e proporcionava uma vívida manifestação popular de orgulho patriótico (FRANZINI, 2009, p. 126/129).

Para Maurício Drumond, o futebol como símbolo identitário brasileiro, surge fortemente com o Estado Novo sobre o comando de Getúlio Vargas, como podemos ver a seguir,

No que se refere à cultura, esse período marcou a promoção do samba e do futebol. Nos 15 anos da Era Vargas, o Brasil presenciou uma série de mudanças que reestruturaram a vida política, econômica, social e cultural do país. No que se refere à cultura, esse período marcou a promoção do samba e do futebol como elementos fundamentais para uma nova definição de identidade nacional (2009, P. 213).

Apesar de todo trabalho para exaltar este esporte como identidade brasileira, este não é genuinamente brasileiro, foi uma invenção inglesa, apropriada pela cultura local (MORAES, 2001). Dessa apropriação surgiram as diferenças, que deram uma singularidade a prática desse esporte, e fez o futebol ser admirado tanto por brasileiros como estrangeiros, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000): é essa diferença que nos dá uma identidade. A necessidade de se afirmar com a ideia de que existe um “gingado” e “leveza” no toque de bola nacional, reforça a ideia de que este é diferente dos demais, fazendo dele um fator identitário brasileiro. Com a globalização ocorreram algumas transformações, mas, as diferenças continuam visíveis:

A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas [...] A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar a um distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local [...] fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais (SILVA, 2000, p. 20).

No Brasil, desde a colonização, este país vem sendo bombardeado por inúmeras culturas de diversos lugares e com a globalização essa interligação entre culturas diferentes tornou-se mais intensa, criando uma espécie de ciclo onde se absorve e se repassa novas características, porém sempre ficam traços marcantes na identidade de cada um. O futebol pode ser apontado como um desses fatores considerado também como a identidade de outros países. No entanto mesmo sendo uma paixão em outros lugares ele logo é ligado ao Brasil na maioria das vezes, assim como o futebol americano é ligado aos Estados Unidos, o Kilt a Escócia, e a vodka a Rússia.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000, p. 316), havia uma visão que no início do século XX, os principais responsáveis por este futebol arte eram os negros os quais tinham “um jeito especial de jogar que os diferenciava dos atletas brancos que até então representavam a cidade e o país” (PEREIRA, 2000, p. 316).

Além de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, um dos maiores divulgadores desse futebol arte foi Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido por Pelé, talvez um dos homens brasileiros mais conhecidos no mundo. Nomes como Ronaldinho Fenômeno e Ronaldinho Gaúcho, Garrincha e muitos outros nomes, divulgaram e divulgam o nome do Brasil mundo afora, reforçando ainda mais esse esporte como uma marca singular do povo brasileiro.

Segundo Tomaz da Silva (2000), a identidade pode ser marcada por vários aspectos: por símbolos, práticas, pela comida. Para Lévy Strauss (STRAUSS, Lévy apud SILVA, 2000), a identidade pode ser marcada pela comida que o povo de determinada região consome, como exemplo, o peixe cru, que é elemento cultural identitário do povo japonês, assim como a pimenta é aspecto identitário mexicano e a feijoada do brasileiro. Essa identidade também é marcada por símbolos como as bandeiras, com suas cores e alguns vestuários como a burca islâmica, e nas práticas como futebol no Brasil e o sumô no Japão.

Para José Murilo de Carvalho (1990, p. 10), é por meio do imaginário que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. Esse imaginário é constituído por um conjunto de símbolos, alegorias, rituais e mitos, e pela criação de heróis nacionais. Nos dias atuais e no período analisado por este trabalho, esse herói é muitas vezes representado por um jogador de futebol. Dentro desse imaginário as práticas esportivas, principalmente o futebol, também se encaixa como formador de identidade. Para Mary Del Priore e Victor Andrade de Melo, as práticas corporais:

Sempre fazem parte do patrimônio cultural de um povo, plenamente articuladas com uma cultura específica e sendo importantes ferramentas na construção de identidades: de classe, de gênero, de etnia, ligadas a construção de ideia de “nação”. No Brasil, isso fica acentuado pela a grande presença do futebol em nossa formação cultural, em nossa História (DEL PRIORI, Mary; MELO, 2009, p. 12).

As identidades são construídas mesmo que involuntariamente, e com o passar dos tempos são tidas como verdades absolutas. São características culturais marcantes que identificam um sujeito ou uma nação onde quer que estejam, ou sejam mencionadas. Essas características podem ser boas ou ruins, e podem gerar orgulho ou vergonha, por essa razão, boa parte das identidades consideradas boas são construídas intencionalmente, com o propósito de enaltecer determinadas características, físicas, sociais ou mesmo materiais, em detrimento dos outros indivíduos, ou outras nações. Pode também gerar conflitos de consequências, muitas vezes incalculáveis.

Muitas características que identificam algumas nações são criadas involuntariamente, sem nenhum propósito, para em seguida tornarem-se (dependendo do reflexo que a mesma causar), a ser elemento identitário da mesma. Esta é apropriada pelos indivíduos, que sendo uma característica boa, passam a valorizá-la e a exaltá-la, como é o caso do futebol no Brasil que surgiu por mãos estrangeiras, caiu no gosto da elite e logo passou a fazer parte da identidade nacional. Com o tempo passou a ser divulgado como um dos símbolos maiores da nossa cultura, “veículo ainda insuperável para a construção e reconstrução da identidade social brasileira” (GUEDES, 2009, p.480).

Por outro lado, quando uma ou outra característica cultural marcante de uma nação, indivíduo ou um Estado, como o Piauí, por exemplo, (que tem como marca identitária a pobreza e o atraso), não é muito bem vista, essa passa a ser trabalhada de modo a ser esquecida ou camuflada². Quando esta característica marcante é julgada “boa”, esta passa a ser exaltada e divulgada, como o futebol no Brasil, por exemplo. Esta forma de exaltar ou abafar, características culturais boas ou ruins é de tal maneira tão forte, que no Brasil na maioria das vezes, até o mais leigo e desinteressado brasileiro no que se refere ao futebol, muitas vezes se vangloria de ser do “país do futebol”.

Esse sentimento é maior explicitado em tempos de Copa, como um ritual de fortalecimento identitário, como já foi citado. Em Picos esse sentimento de paixão pelo

²Ver: RABELO, Elson de Assis. **A História entre Tempos e Contratempos**: fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. 2008. 200 f. Dissertação; Mestrado em História. Universidade federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <FTP://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/elsonAR.pdf>. Acesso em 24 jul. 2014.

futebol e pelo time que representava a cidade já era explicitado na década de cinquenta nas disputas dos campeonatos regionais,

Essas disputas despertavam fortes sentimentos bairristas que extrapolavam o evento esportivo em si, e mobilizavam grandes e inflamadas caravanas de torcedores. A tônica fortemente bairrista dada às competições levava a um desfecho inevitável: a derrota do selecionado local equivalia a uma tragédia (DUARTE, 1991, p. 71).

Esse sentimento se confirma em 1991 no decorrer do campeonato piauiense, quando as pessoas assistiam jogos de cima do morro da Aerolândia e percorriam distâncias grandiosas em cima de Paus de Arara para acompanhar a Sociedade Esportiva de Picos (SEP). Esse sentimento era utilizado pelo mandatário da época com o fim de se beneficiar politicamente. Veremos este assunto melhor em capítulo específico.

Em tempos de copa do mundo, o Brasil é tomado por uma onda de patriotismo tão grande, que talvez até mesmo pessoas que nem sabem o que é um tiro de meta, ou o nome dos jogadores que fazem parte do time, se vestem a rigor, munidos de uniforme e bandeira, para torcerem pela seleção brasileira, chegando alguns deles a comemorar o gol do adversário, ou até mesmo comemorar no intervalo quando os gols são repetidos, pensando ser um novo gol. Essa característica cultural, nesse caso, é reconhecida até mesmo por outras nações, fazendo dessa característica um símbolo marcante da identidade da nação brasileira.

A grande maioria dos brasileiros acompanha o futebol na sua totalidade, outra parte nem tanto, alguns por acharem uma coisa muito supérflua, outros por pura indiferença. Porém, na sua indiferença, direta ou indiretamente são parte desse esporte, e gostando ou não “são” conscientes que o futebol identifica o Brasil mundo afora. Além de identidade de classe, como foi constituído no seu surgimento, e depois como identidade nacional, no Brasil ele ainda se constitui como identidade masculina e individual. Essa identidade, quando se estabelece, é reforçada para além de sua vontade como veremos logo a seguir.

O futebol tem tamanha expressão no Brasil que existe até mesmo alguns trocadilhos de expressões futebolísticas com as nossas práticas diárias. Como por exemplo, “bateu na trave”, expressão que quer dizer que algo por pouco não deu certo. Até mesmo no dia a dia algumas pessoas são identificadas de acordo com o time que torcem, isto na maioria das vezes é devido o grau de paixão que o mesmo demonstra pelo time do coração, por exemplo: o corintiano, o palmeirense, entre outros.

Grande parte dos pais até ajudam a construir no imaginário da criança que o Brasil é o país do futebol, e que “todo” brasileiro tem que gostar de futebol, sendo uma imagem

reforçada principalmente na construção da identidade masculina, pois no Brasil “todo” homem tem que gostar de futebol, caso contrário, algumas vezes sua masculinidade é colocada até sob suspeita. Segundo Pedro Vilarinho Castelo Branco (2008, p. 107), “há desde o começo do século XX uma interação entre identidades masculinas e a prática esportiva. O futebol caracterizado pela ideia de competição, de combate viril, se encaixa plenamente como prática pertinente a socialização masculina”.

Um elemento cultural se torna identitário quando consegue unir um grupo, ou uma nação pelo mesmo sentimento, o de pertencimento. Se utilizar deste sentimento e fazer dele uma prática política, pode na maioria das vezes ser um bom negócio, pois o futebol com pouco tempo que havia chegado ao Brasil, já movimentava uma grande quantidade de pessoas. Desde o início alguns jornalistas e escritores apreciadores ou não do esporte, já percebiam o poder que aquele agia sobre os indivíduos:

Não eram só os empresários, porém, que começavam a dar ao jogo uma maior atenção e apoio. Ao mesmo tempo que tornava-se frequente a presença de autoridades nos estádios, políticos de tendências diversas começaram a lançar sobre o jogo um olhar mais atento (PEREIRA, 2000, p. 77).

Nas últimas décadas com a História Cultural veio à nova história política, esta renovada e com uma nova roupagem. Dela fizemos uso do conceito de cultura política. Tanto Serge Berstein como Ângela de Castro Gomes, trabalham com cultura política, na tentativa de explicar e interpretar o comportamento e os atos de grupos e indivíduos em relação à política e o que os motiva a tais atos. Por isso, nesse trabalho, abordaremos o futebol como uma cultura política brasileira.

Segundo René Rémond (2003), nas últimas décadas volta à cena com força total a história política, com novos objetos, fontes, e com a necessidade de novos conceitos que dessem conta de tamanha complexidade de compreender as mudanças históricas. Para Sandra Jatahy Pesavento (2004), “a História cultural do político difundiu-se, tendo como uma de suas preocupações centrais a definição de uma cultura política”. Para Eliana R. de Freitas Dutra (2002 p. 23), é na pessoa de Serge Berstein que vem “o esforço de definir a cultura política do lugar da história, numa perspectiva distinta da sociologia compreensiva—embora em diálogo com a sociologia e a antropologia.” Ainda para Berstein ““o ato político enquanto fenômeno complexo que ele é, se explica frequentemente por referência a um conjunto de representações compartilhadas por um grupo bastante amplo no seio de uma sociedade”. É

esse sistema de representações que ele nomeia de cultura política” (BERSTEIN, Serge, Apud DUTRA, 2002, p. 24).

Para Eliana R. de Freitas Dutra (2002), tanto a Antropologia como a Sociologia já tentavam explicar as práticas políticas, e de acordo com a autora ao trabalhar com cultura política é sempre bom ter contato com os trabalhos de G. Almond e S. Silva e com o conceito de cultura cívica de Clifort Geetz. O conceito deste último, segundo a autora foi alvo de críticas tanto dos sociólogos como dos historiadores por conta de sua antropologia interpretativa, pois, seu conceito não dava conta de todas as particularidades e vicissitudes da política. Ainda de acordo com a autora, batendo de frente com ambos surge Daniel Sefai com a ideia de experiência que a seu ver qualifica de forma inovadora as relações de cultura e a política. Para Serge Berstein e seu trabalho sobre culturas políticas plurais, em determinados momentos históricos forma-se um conjunto homogêneo com componentes solidários. Em relação ao conceito de cultura política, Berstein afirma:

Assim elaborada e difundida, a escala de gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as idéias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidade (BERSTEIN, 1997, p. 357).

Com relação a mutação da cultura política, Ângela de Castro Gomes (2007), trabalha com o Estado Novo de Getúlio Vargas, sob a perspectiva de que o mesmo inaugura novas práticas políticas no Brasil, pois há “a instalação de um modelo de estado autoritário, muito centralizado politicamente, e cujas margens de intervencionismo sobre a sociedade se ampliaram de forma até então inusitada no país” (GOMES, 2007, p. 45). Para a autora, Getúlio Vargas implantou o que na época foi chamado de “recuperação do passado nacional brasileiro” para isso ele juntou-se a alguns intelectuais no intuito de promover uma política cultural divulgando normas e valores os quais seriam apreendidos como uma prática genuinamente brasileira.

Mauricio Drumond (2009, p. 230) completa se referindo a seleção brasileira de 1938, que dentro do projeto de Vargas, “a miscigenação racial da equipe brasileira era vista no Brasil como o verdadeiro retrato de nossa democracia racial, o que servia de forma perfeita aos ideais de ufanismo nacional e harmonia social propagandeados pelo o Estado Novo”.

Estes intelectuais que a ele se juntaram, ou seja, que se juntaram ao Estado, também obtiveram suas vantagens tanto financeiras como em projetos sócio culturais.

Para Ângela de Castro Gomes (2005, p. 31) cultura política é: “um sistema de representações complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que um determinado grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento do tempo”. Para a autora, em concordância com Serge Berstein, não se fala em uma cultura política unívoca, mais sim uma cultura política plural que em determinado tempo e lugar, tem maior predominância que as outras, e se tornando mais identificável. Para Serge Berstein (1997), existem várias culturas políticas dentro de um determinado país, mas, geralmente uma se sobressai sob as demais, no caso do futebol este é mais um dentro desse conjunto de culturas políticas, somando-se as demais, muitas vezes com grande predominância. No caso da cultura republicana, segundo a autora, esta se centrava nos princípios da razão e do positivismo, permanecendo com esses padrões durante muito tempo. As outras culturas como o socialismo, o catolicismo entre outras, tiveram que se adaptar ao republicanismo.

Esses povos fazem uma leitura do passado da mesma forma que reivindicam uma identidade, como vimos um pouco antes, procuram uma prática que se destaca dentre as outras para adquirirem uma identidade política. Essas práticas com o passar do tempo dependendo da situação política e econômica de cada nação evoluem para melhor se adaptarem ao momento vivido em cada país. Como é o caso do futebol, que surgiu como meio de diversão da elite, foi apropriado pela população pobre e negra, transformado pelos mesmos em meio de inclusão e ascensão social. Devido ao seu potencial capaz de envolver um grandioso número de pessoas em um único objetivo, foi tomado por políticos com diversos propósitos, como foi o caso de Getúlio Vargas na década de 1940 (DRUMOND, 2009), e tomando como base a nossa pesquisa, por Jose Nery no início da década de 1990 em Picos do qual trataremos mais adiante.

No Brasil, vemos diversas culturas políticas se relacionando entre si, estas são praticadas por políticos que as utilizam de acordo com o tempo e as necessidades, deles, é claro, como é o caso do futebol desde um bom tempo até os dias de hoje. Em Picos no período estudado as fontes sugerem que o prefeito da cidade se apropriou da SEP para proveitos políticos eleitoreiros, muitas vezes fazendo prevalecer o futebol como cultura política predominante na época. Porém no Brasil outras culturas também brigam para se estabelecer, vejamos uma das culturas políticas que se sobre sai no Brasil.

Para Da Matta (2003), diante de leis rígidas e de um “não formal” tão forte capaz de desanimar o mais entusiasmado e esperançoso cidadão, dá como resultado o brasileiro com seu “jeitinho”, estilo de navegação social, e surge a figura do malandro seu agente profissional.

No Brasil, podemos ser “Caxias” ou autoritário, encarnando personagens que querem cumprir as leis; podemos ser renunciantes e beatos, que desejam estar fora do mundo; e podemos também ser malandros e jeitosos, políticos hábeis e sagazes, quando não afrontamos as leis, preferindo dobrá-la ou driblá-la como fazem os jogadores de futebol que tanto admiramos. (DA MATTA, 2003)

O problema é que essas práticas estão de tal maneira impregnadas na nossa cultura que as pessoas cometem tais infrações, causando grandes prejuízos a sociedade sem mesmo se sentirem culpadas. Até mesmo boa parte da população que é a mais prejudicada por tais atitudes desonestas concordam com tais atitudes. Existem casos em que algum político, passa por algum mandado (por exemplo, de prefeito) sem adquirir riqueza, e vira motivo de chacota da própria população da cidade em que o mesmo administrava. Infelizmente, o que mais marca a nossa política é esse tipo de cultura, da enganação.

Porém, estas características além de serem elementos identitários da nação, são na maioria das vezes ações corriqueiras da grande maioria dos políticos, que dentro de um quadro no qual a ética deveria prevalecer, estes deveriam ser os primeiros a repudiar tais atitudes, o que dificilmente acontece.

No Brasil futebol e política têm uma relação tão forte que até suas práticas são parecidas. A corrupção e roubo por parte das diretorias, manipulação de resultados, compra de juízes, compra de jogadores no sentido do mesmo fazer corpo mole para perder uma partida. Segundo a revista Veja (02/12/2010), um dos mais graves casos de corrupção no futebol que já se teve notícia no Brasil foi o da “Máfia do Apito” onde envolvia árbitros de futebol e golpistas de sites de apostas no campeonato brasileiro de 2005.

Alguns diretores de clubes de futebol fazem trâmites nas duas áreas, tanto no futebol como na vida pública, muitos ex-jogadores se utilizam do seu passado futebolístico, o qual lhes dá grande popularidade e visibilidade, para ingressarem na carreira política, a grande maioria obtendo êxito. Os clubes de futebol principalmente os grandes possuem imensas torcidas, esses torcedores são na sua grande maioria apaixonados e fiéis, levando essa fidelidade até mesmo para as urnas em tempos de eleição.

Então, se utilizar do nome de um time de futebol como bandeira de campanha, sem dúvida causa um impacto positivo na candidatura e permanência nas alas do poder, seja de um dirigente, jogador, ex-jogador, ou até mesmo torcedor, desde que saiba de maneira habilidosa se utilizar desse artifício, assim como algumas pessoas fizeram e fazem até os nossos dias. Vendo a importância do futebol em relação à grande maioria da população brasileira alguns políticos passaram a olhar de outra maneira para este esporte, transformando-o em cultura política brasileira.

Segundo Roberto Damatta (1982), “o futebol é um objeto complexo que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes nações”, até Roberto Damatta formular este conceito o futebol passou por vários estágios, e a seguir iremos tentar da forma mais breve possível mostrar alguns desses estágios para que possamos melhor entender como este passou a ser cultura política no Brasil.

1.2 - POPULARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

Com a chegada dos hábitos ditos civilizados dos europeus nas terras conquistadas, alguns comportamentos simbolizavam e nomeavam quem era “civilizado” ou não. Um desses comportamentos era a prática esportiva, “ao adotarem tantas novidades, os brasileiros acabaram por adotar também os *sports* e os exercícios físicos às suas práticas habituais, algo que até aquele momento não era muito comum por estes trópicos.” (FRANZINI, p. 112). Tais práticas eram disseminadas principalmente pelos ingleses.

Este processo se deu por duas vias principais: a sua expansão junto ao capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente – que se caracterizava na presença de trabalhadores ingleses nesses países e na grande influência bretã que passava a ter sobre eles; e a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar (PEREIRA, 2000, p.26).

Segundo Victor Andrade de Melo (2009), praticar algum tipo de esporte era sinônimo de civilidade, status e saúde, pois estes elementos desde o século XIX aos nossos dias possuem uma forte ligação. Falar em esporte é falar em saúde e vice – versa, pelo menos nos discursos dos grandes higienistas do século XIX, o que não casava com a ideia quase geral da população da época. Pois,

Chegado o fim do século, a educação física ainda não merecia no Brasil, uma atenção mais generalizada, sendo mesmo alvo de suspeição geral. A situação preocupava médicos como o Dr. Eduardo de Magalhães, que escreveu em 1900 uma obra sobre a necessidade da ginástica para as crianças na qual condenava “o abandono e o desprezo de educação física da infância no Brasil” (PEREIRA, 2000, p.42).

Com esta, digamos, “explosão”, de práticas esportivas veio o futebol, que apesar de chegar ao Brasil como um esporte de elite, “pois os equipamentos eram todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de *goal*, e utilizados como marcas de distinção social, expressões do elitismo de seus cavalheirescos praticantes” (FRANZINI, 2009, p.118), teve grandes transformações com o passar dos tempos, se popularizou virando marca identitária brasileira e “consequentemente” se tornando cultura política no Brasil e talvez no mundo. Picos, cidade do interior do Piauí não ficou fora disso. Mais adiante em capítulos exclusivos veremos como se davam essas práticas em alguns lugares fora do Brasil, dentro do Brasil e no Piauí principalmente em Picos respectivamente.

Para Ricardo Pinto dos Santos (2009), em sua obra *Tensões na consolidação do futebol nacional*, até mesmo o nível moral era medido de acordo com a cor da pele e a condição econômica, pois quem era rico possuía todos os atributos físicos e morais. E automaticamente “estava” apto a prática do futebol, do contrário, quem era pobre e preto era considerado imoral e mal educado, portanto, não estava apto a prática do futebol: “ser um jogador de futebol era carregar valores simbólicos e reais que definiam seu lugar na sociedade” (SANTOS, 2000, p. 197). Na Inglaterra foi um esporte primeiro praticado pelos operários, inclusive alguns dos primeiros clubes surgidos nos oitocentos foram formados nas fábricas, o autor aponta o Arsenal da Inglaterra como exemplo. Leonardo Affonso de Miranda Pereira completa dizendo que: “atraindo desde o século XIX grande contingente de trabalhadores, o futebol britânico estava longe do refinamento alardeado pelos esportistas no Rio de Janeiro”.

Podemos pensar que o caráter elitista no qual foi gerado no Brasil os primeiros anos do contato com o futebol provém da dificuldade de adquirir os equipamentos para sua prática. Outro fator que podemos pensar como causa dessa inversão de significado que o futebol adquiriu no Brasil, foi o eurocentrismo que predominava na época, pois se os ingleses eram os primeiros a praticar o futebol no Brasil, isto precisava configurar um esporte de elite, já que os ingleses que moravam no Brasil, na sua grande maioria, ocupavam cargos de grande projeção local, logo, praticar o futebol era visto como uma forma de distinção de classe e cor.

Depois de visita feita ao Museu do Futebol, localizado na cidade de São Paulo, percebi que muitos são os povos que reivindicam o futebol como sendo de sua invenção. Nas análises de Fabio Franzini a seguir podemos perceber alguns deles:

No princípio era a bola. Desde a mais remota antiguidade, os mais diferentes povos já corriam atrás dela: chineses, japoneses, egípcios, gregos, romanos, italianos, normandos, bretões, astecas, guaranis e sabe – se lá quantos outros. Todos eles, ainda que cada qual a sua maneira, fizeram-na peça de rituais, de confrontos ou, simplesmente, de diversão. (FRANZINI, 2009, p. 107).

Porém, da maneira que conhecemos hoje, com regras, estatutos e outros elementos, atribuímos a chegada do esporte aos ingleses. Association, assim se referia Fabio Franzini (2009) ao futebol que ao chegar no Brasil por muito tempo conservou o nome em inglês. Segundo o mesmo autor, os primeiros chutes dados em território brasileiro, foram pelos pés de marinheiros britânicos, pois estes eram visitantes constantes do nosso litoral, desde o Pará até o Rio Grande do Sul.

Segundo autores citados por Fabio Franzini (2009), como Mazoni (1950) e Santos Neto (2002), os tripulantes do navio mercante “Crimeia” bem antes do final do século XIX, jogaram bola em frente à casa da princesa Isabel no Rio. Mister Hugh e mister John teriam juntado o primeiro em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro, operários brasileiros e funcionários ingleses em jogos em campos improvisados. Nos anos 1880, professores e alunos congregavam em torno de uma bola no colégio São Luís de Itu, interior de São Paulo, comandados pelos padres jesuítas, respectivamente.

Fabio Franzini (2009, p. 113) em seu artigo - *A futura paixão nacional: chega o futebol* – relata como o futebol chegou nas principais cidades do Brasil. Segundo o mesmo, o desejo de alguns estudantes de continuarem a prática desse esporte, foi um dos motivos da chegada do esporte bretão no Brasil. Para Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2002, p. 22), os jovens que estudavam na Inglaterra ou algum outro país da Europa, ao terminarem seus cursos e regressarem ao Brasil, trouxeram na bagagem, bolas, bomba de ar, chuteiras e um livro de regras do association, nome até o momento dado ao futebol.

Entre esses nomes, os mais conhecidos são os de Charles Muller e Oscar Cox, ambos de famílias abastadas, e que atestam, segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira o caráter elitista do futebol no Brasil. Tanto Charles Muller quanto Oscar Cox estudaram na Europa e tiveram trajetórias parecidas, o primeiro divulgando o futebol em São Paulo, o segundo fazendo o mesmo no Rio de Janeiro. Mesmo chegando primeiro no Brasil por volta de 1894,

Charles Miller compartilha com Oscar Cox o título de introdutor do futebol no Brasil, alguns dando mais crédito a um, outros dando mais crédito para outro, porém, ambos ocupam lugar de destaque igual na memória historiográfica relacionada ao futebol.

Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Miller e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que no fundo nada tinha de original: vindo nos seus primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo o reflexo de uma história mais ampla criada para os primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente (PEREIRA, 2000, P.23)

Em períodos muito próximos dos citados anteriormente, seguindo praticamente o mesmo caminho, vários jovens de vários lugares do Brasil, assim como Charles Miller e Oscar Cox, incluíram em suas bagagens, bolas, chuteiras e livro de regras, como podemos observar nas palavras de Fabio Franzini:

Poucos anos depois, em 1901, Salvador registraria a chegada de outro jovem com uma bola, Zuza ferreira, vindo das terras britânicas. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, um ex - estudante da Hooton Lown School, na mesma Inglaterra, começaria divulgar o futebol em Recife. No ano seguinte, na novíssima cidade de Belo Horizonte, Victor Serpa buscava companheiros para disputar o jogo que aprendera em sua temporada suíça. Em 1907, graças a Joaquim Moreira Alves dos santos. “Nhozinho”, recém chegado de Liverpool, realizava a primeira partida de futebol em São Luis do Maranhão (cf. Aquino, 2002; Klein e Audinino, 1996 apud Franzini, 2009, p.113).

No Piauí por falta de fontes não podemos especificar quem primeiro chegou com o futebol por aqui e em qual ano isto aconteceu, talvez fique para um trabalho futuro. Porém segundo Luzifrank Júnior de Sousa (2011, p.25), em 1913 em Parnaíba foi fundado o Parnahyba Sport Club primeiro clube piauiense formado em 1º de maio em sessão presidida por José de Moraes Correia, também conhecido por Zeca Corrêa. De acordo com Pedro Vilarinho Castelo Branco (2008, p.108), “o futebol faz adeptos em Teresina, principalmente entre pessoas da elite, tornando-se, por volta 1918, a grande paixão esportiva da cidade”. A Federação Piauiense de futebol foi fundada em 1941, tendo o Botafogo como primeiro campeão piauiense de futebol neste mesmo ano. A FPF ainda tinha caráter amador constituída somente por times da capital. A participação dos times interioranos só se deu a partir de 1954 (O DIA, 07/12/1991, p. 15, 17/12/1991, p. 16).

Em Picos é bem provável que também já por esta época se praticasse este esporte, no entanto também por falta de fontes não podemos afirmar. Porém, de acordo com Renato Duarte (1991), na década de cinquenta este já era praticado em Picos com grande aceitabilidade e paixão por parte da população em “geral”.

A história do futebol em Picos se confunde em parte com a história da SEP, pois esta carrega o nome da cidade, e foi o primeiro e até os dias atuais, é o único time profissional do município.

A história do SEP começou em 1951, data da fundação do clube. Durante mais de 25 anos, a agremiação participou somente de torneios amadores, tendo entrado na disputa do torneio intermunicipal, promovido pela APCDEP, no ano de 1978. No ano seguinte, 1979, a Sociedade Esportiva de Picos entrava para o campeonato piauiense de futebol profissional. Na 1ª participação do torneio da FPD, a SEP conseguiu uma boa participação, ficando em 4º lugar. Nos anos posteriores 80, 81, 82 a SEP conseguiu se manter sempre nessa posição intermediária (4º e 5º lugar) no certame piauiense que tinha cerca de 10 clubes participantes. Depois de 82 a SEP ficou desativada até 1991, quando da pretensão dos dirigentes da Federação Piauiense de Desportos em incluir mais clubes do interior no campeonato estadual foi bem recebida pelos desportistas do município modelo. Com grande apoio do prefeito José Nery a SEP formou uma equipe a base do time campeão do intermunicipal do ano passado- primeira conquista na competição da APCDP [...] Com uma grande campanha a SEP venceu o torneio e conquistou um título inédito para o interior do Estado, depois de 50 anos de domínio dos clubes de Teresina (ODIA, 19/12/1991, p. 16).

Segundo Luzifrank Junior de Sousa (2011), a SEP foi fundada por um grupo de amigos com o intuito de ter um time que representasse a cidade. Ainda segundo o autor no ano de 1994 a equipe conquistou seu bicampeonato, em 1997 e 1998 conquistou seu terceiro e quarto título piauiense de futebol respectivamente.

Deixemos agora a SEP e voltemos ao futebol no começo do século XX, e de forma sintética tentaremos perceber suas várias transformações no decorrer dos tempos. Mesmo com seu caráter elitista e grande resistência por parte dos dirigentes na época, o futebol não resistiu ao profissionalismo e alcançou cada vez mais popularização rompendo com os estereótipos criados até então e de certa forma aos poucos os clubes foram aderindo ao profissionalismo.

No começo do século XX mais ou menos na década de vinte, segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), o futebol se popularizava ameaçando o caráter elitista que detinha até então. Mesmo de forma marginal já existiam relatos de negros, pobres e trabalhadores, que praticavam este esporte, apesar da oposição dos grandes clubes e alguns

setores da imprensa, esta situação se tornava cada vez mais insustentável. A entrada dessas pessoas nos círculos futebolísticos era visto pelos defensores do monopólio do futebol pela elite, como o início da degradação desse esporte que tinha como marca principal a identidade de classe.

Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados (FRANZINI, 2009. P. 122).

Para Ricardo Pinto dos Santos (2009) em sua obra *tensões na consolidação do futebol nacional*, esta preservação ficava cada vez mais difícil de controlar, pois não existia claramente um estatuto que excluía essas pessoas dos times de futebol, sendo tal separação feita de forma camuflada. Os clubes usavam de estratégias, que de uma maneira menos explícita terminavam por não permitir as camadas menos favorecidas da população o acesso à prática do futebol. Para Plínio Labriola Negreiros no artigo *O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo* (2009 p. 295) desta maneira, “a elite brasileira buscava recuperar a extrema separação entre homens livres e escravos presentes até a abolição da escravatura”.

No entanto todo esse processo não foi tão fácil, houve grande resistência por parte da elite que usou de vários artifícios para manter o monopólio do jogo. A elite tomou para si o domínio do esporte e o direito de organizar e legislar, com regras que demarcavam até onde essas pessoas menos favorecidas poderiam chegar dentro desse esporte. Segundo Fabio Franzini (2009, p. 122): “Daí por Diante, foram várias as medidas por elas adotadas no sentido de filtrar, ou impedir, o acesso de jogadores ou equipes de origem popular aos campeonatos disputados pelos quadros da elite, como o Fluminense ou o Paulistano”.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), para garantir o caráter elitista no Rio de Janeiro os times formaram a Liga Metropolitana, dificultando o acesso das camadas menos abastadas através de estatutos excludentes e de uma taxa em dinheiro que era cobrada como requisito para investidura. Tanto na liga como nos clubes essa taxa em dinheiro era muito além da realidade da grande maioria da população. Porém, este esporte teimava em ser praticado pela população menos favorecida e a criação da liga longe de inibir a prática, deu-lhe maior impulso.

O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda cidade de diversas ligas congêneres, abrindo

novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade (PEREIRA 2000, P.69).

Apesar dos esforços da elite para impedir a participação de certa parcela da população (pobres e negros), este não foi suficiente, pois, “mesmo contra os desejos dos sportmen reunidos nos clubes da liga metropolitana, o futebol tornava-se uma importante opção de lazer para amplas parcelas da sociedade carioca” (PEREIRA 2000, P.72). Pereira acrescenta mais,

Não demoraria, porém, para que o novo esporte perdesse a marca elitista construída nos primeiros anos. Já no fim da década de 1910 o entusiasmo que ele causava na cidade não permitiria mais aos contemporâneos caracterizá-lo como uma prática restrita ao grupo dos esportistas filiados aos clubes elegantes da cidade (PEREIRA, 2000, p. 16).

Segundo Ricardo Pinto dos Santos (2009), a aproximação dessa população marginalizada do esporte bretão foi inevitável, pois ao contrário do Remo, que possuía mecanismos mais eficazes de controle, a prática futebolística era de mais fácil apropriação, como podemos perceber logo adiante na fala de Fabio Franzini se referindo a fundação da Ponte Preta:

Em Campinas, um dos polos da economia cafeeira do interior do estado de São Paulo, por exemplo, o jogo chegou ainda em 1897, pelos pés de estudantes do Colégio Culto à Ciência, e encontrou abrigo no bairro da Ponte Preta; ali, segundo Thomaz Mazzoni, diversos rapazes limparam uma área de terreno junto aos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de ferro, levantaram ali traves feitas de bambu e passaram a praticar o novo esporte, em geral com bola de pano (FRANZINI, 2009, p. 122).

Apesar de provavelmente a maioria desses jovens citados serem de famílias abastadas, dá para se ter uma ideia através da citação de como não era tão difícil haver mudanças no esporte considerado de “elite”, como completa Plínio Labriola Negreiros,

Esse futebol se disseminou com muita rapidez; cada terreno plano era espaço ideal para uma partida “do violento esporte”, conforme expressão utilizada na época [...] uma bola feita de jornais e meia, além de paus e pedras para marcar as metas. A dita “pelada” era jogada pelas crianças e jovens sem acesso aos melhores espaços, que eram os clubes e os colégios (NEGREIROS, 2009, p. 295/296).

De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), a fim de “desqualificar” essa prática por pessoas consideradas desqualificadas para tal empreendimento, higienistas da

época consideraram essa prática fora dos padrões elitistas propostos pelo esporte. Mesmo com tais declarações não tiravam a empolgação que tomava conta da população em relação a prática desse esporte, pois este foi se difundindo e era denominado segundo Pedro Labriola Negreiros (2009) de “informal”, “varzeano” ou “dos arrebaldes”. Em picos nos anos cinquenta ainda se jogava dessa maneira “em campos improvisados nas ruas da Cruz e do Cantinho [...] a garotada improvisava campos de futebol em qualquer espaço, inclusive no leito das ruas, mesmo daquelas que tinham calçamento” (DUARTE, 1991, p. 67)

Vários aspectos contribuíram para a aproximação de pessoas de outras condições nessa prática. Para Ricardo Pinto dos Santos (2009, p. 195), “os indivíduos da chamada “gran fina sociedade” não davam mais conta das necessidades de vitórias nos desafios esportivos e, com isso necessitavam de membros de outros grupos sociais que possibilitassem a vitória nas partidas e torneios”. Esta era a oportunidade que as classes menos favorecidas precisavam para se inserir no meio futebolístico, pois, com a crescente demanda os times foram “obrigados” a admitir negros e pobres nos seus plantéis, mesmo de maneira tímida e com algumas restrições.

De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), já a partir dos anos vinte, alguns jogadores, pretos e brancos sobreviviam do futebol, fosse como profissional ou como semiprofissional, como era chamado na época (profissionalismo marrom). Entre eles os que tiveram mais destaque foram Domingos da Guia e Leônidas da Silva, ambos de cor e advindos de famílias pobres, padrões até então impensáveis, e ainda por ironia, foi “através” destes que o Brasil passou a ter o seu próprio jeito de jogar bola, uma originalidade que a muito se buscava.

Com a demanda do futebol segundo Rodrigues (2002, p. 22), os times começaram a admitir jogadores-operários como é o caso do Bangu no Rio de Janeiro, que os admitia na sua fábrica para que os mesmos pudessem defender sua bandeira. Estes possuíam ainda algumas regalias, pois não eram muito exigidos no trabalho, e eram liberados mais cedo para que pudessem treinar para os jogos (CALDAS, 1990, p. 29 Apud RODRIGUES, 2002, p. 22). Porém, na maioria das vezes os negros não participavam das outras atividades sociais do clube (RODRIGUES, 2002, p. 25), demonstrando assim o preconceito ainda existente.

Segundo Renato Duarte (1991), também no Piauí existiram jogadores operários, não se sabe se o motivo da contratação era o mesmo acima citado, pois os tempos eram outros e o futebol já havia se profissionalizado, sabe-se somente que depois da derrota do selecionado de Picos para o time de Angical, cidade na época ainda mais desconhecida que Picos, além de ter deixado a cidade desolada, logo depois veio a tona “que a equipe de Angical era formada por

profissionais que trabalhavam como operários em uma empresa que os recrutava com base nas suas habilidades futebolísticas” (DUARTE, 1991, P. 122)

De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), o Vasco foi outro time que aceitava jogadores vindos das classes menos favorecidas, já que em 1923 sagrou-se campeão carioca com um time basicamente formado por negros e operários. Para muitos esta conquista foi apontada, segundo o autor, como um marco entre o fim do amadorismo e o começo da era profissional.

De acordo com Rodrigues (2002), nesse período começou a cobrança de ingressos das pessoas para que elas pudessem ter acesso as partidas, este dinheiro segundo os dirigentes, seria para ajudar nas compras dos uniformes e demais materias de utilização nos jogos. Foi nessa época de acordo com Ricardo Pinto dos Santos (2009), que começaram as distribuições de gratificações, também chamados por alguns de “bicho”. Muitos ainda insistiam no caráter amador do esporte e proibiam qualquer forma de pagamento, porém, aceitavam as gratificações, que para o autor era uma forma camuflada de profissionalismo, também chamada de “amadorismo marrom” por Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000).

Essa forma camuflada de profissionalismo era na verdade um meio dos dirigentes levarem vantagens sobre os jogadores, que eram “enganados” com gorjetas, enquanto os dirigentes ficavam com o grosso do apurado com a venda dos ingressos. Podemos perceber com maior clareza na fala de Ricardo Pinto dos Santos (2009) citando o jogador da época Floriano P. Correia, mais conhecido por “Marechal da Vitória”.

Amilcar Barbuy:

“Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição a muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso da rendas.

Durante 20 anos prestei desinteressadamente ao futebol nacional os meus modestos serviços. Que aconteceu? Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Sou pobre. Sou um pária do futebol. Não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador” (Correa, 1933, p,127Apud Santos, 2009, p. 203).

No começo dos anos 20 e início da década de 30, do século XX, o amadorismo se encontrava bastante desgastado, e sua permanência no cenário futebolístico brasileiro se dava de maneira obscura. Segundo Maurício Drumond (2009), Argentina, Uruguai e Itália naquele período já haviam profissionalizado o futebol, assim como vários países da Europa. Inconformados com a situação do futebol no Brasil, vários jogadores migraram para estes países em busca de melhores condições financeiras. Já nesse momento começavam a chamar

a atenção do mundo com seu estilo diferente de jogar futebol. E dessa maneira os times brasileiros começaram a perder seus principais jogadores para o futebol do exterior, levando os dirigentes a repensarem a situação, criando algumas estratégias para manter seus jogadores.

Segundo Maurício Drumond (2009), alguns clubes de São Paulo e Rio de Janeiro passaram então a pleitear junto a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), A introdução do regime profissional no futebol. Depois da recusa da profissionalização, alguns times do rio como Fluminense, Vasco entre outros, deixaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (Amea) e fundaram a Liga Carioca de futebol (LCF). Em 1933 realizaram o primeiro campeonato carioca de futebol profissional, com o Bangu sagrando-se campeão. De acordo com o autor, no mesmo ano, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) adota o profissionalismo e se afasta da CBD, a Apea e LCF juntam-se com a Federação fluminense de Esportes (FFE), a Associação Mineira de Esportes (AMF) e a Federação Paranaense de Desportos (FPD) e formam a federação Brasileira de Futebol (FBF). Em 1933 foi organizado o primeiro campeonato brasileiro de futebol, compostos por seleções dos estados ligados a FBF, com o selecionado paulista sagrando-se o primeiro campeão brasileiro.

Para Maurício Drumond (2009), a CBD era o órgão filiado a FIFA e responsável pela organização do selecionado brasileiro para a copa de 1934. Como não possuía jogadores no padrão internacional, esta recorreu a contratação de jogadores ligados a Federação Brasileira de Futebol. “Era o fim do amadorismo como regime exclusivo da CBD, visto que esses jogadores receberam luvas pelo contrato assinado e passaram a receber salários” (DRUMOND, 2009, p. 321).

Conforme foi dito, o futebol surgiu no Brasil como definidor de status social e era praticado por pessoas abastadas como símbolo de riqueza e elegância. Pouco tempo depois se popularizou e passou a ser praticado por “todos” os seguimentos da sociedade, “como resultado o futebol, mesmo entre os times de maior projeção, transforma-se em um jogo majoritariamente praticado por pobres” (PEREIRA, 2000, p.312).

Para Rodrigues (2002) em *A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional*, existem alguns casos de ascensão social, porém, proporcionalmente se considerarmos o número de praticantes e compararmos com o número de pessoas das camadas pobres que ascenderam devido ao futebol, perceberemos que o número é de certa forma ínfimo.

Estes atletas entraram no futebol para enriquecer. Isto se deve em parte ao discurso dominante na sociedade, muito reforçado pela mídia, de que o futebol é um ótimo canal de ascensão social, bem como uma

das profissões que oferece os melhores salários (RODRIGUES, 2002, p. 142).

O sonho de ser jogador de futebol profissional levou milhares de jovens e crianças pobres principalmente, a se lançarem na aventura de conseguir uma chance de jogar em um grande clube, muitos deles nem tão aptos, mas iludidos com a chance de enriquecimento rápido e “sem” muito esforço intelectual, se lançam em tal empreitada. Como podemos perceber nas análises de Simoni Lahud Guedes,

É claro que ascensão econômica por meio do futebol, tanto no Brasil quanto em outros países, não é novidade, e os raros casos em que acontece alimentem, há muitas e muitas décadas, os projetos de vida de milhares de crianças e jovens, impelindo-os a investir na busca de inserção profissional no futebol (GUEDES, 2009, p. 471-472).

Segundo Simoni Lahud Guedes (2009), alguns jovens conseguem ascender socialmente através do futebol. Vários deles como forma de agradecimento promovem projetos sócias (principalmente em seus lugares de origem) como meio de incluir crianças pobres na sociedade. Esses projetos dão oportunidade a vários garotos que anseiam por um lugar no esporte, que na ausência destes não “teriam” praticamente nenhuma chance. Apesar de poucos ascenderem através do futebol, talvez este ainda seja o grande sonho de muitas crianças principalmente as mais humildes.

Consideremos que independentemente da maneira como foi praticado, seja ele dentro das regras oficiais ou não, o futebol foi considerado uma forte arma social de inclusão, até mesmo pra quem não joga diretamente como os torcedores (organizados ou não) que a partir do momento que torcem pelo um time passam a fazer parte de um grupo, pois no Brasil praticamente “todos” os brasileiros se referem aos seus times e a seleção brasileira, como se fosse uma coisa sua, e de certa forma isto causa uma sensação de inclusão.

Anteriormente vimos a força de mobilização humana que possui futebol, e talvez seja por isso que há muito tempo o futebol vem sendo utilizado como ferramenta política, seja com boas ou más intenções. Essa prática não é comum só no Brasil, no capítulo a seguir faremos um discussão historiográfica onde mostraremos no Brasil e no mundo casos onde o futebol e a política se fundiram e foram apropriados por ditadores e até mesmo por políticos que se diziam democráticos cada um de acordo com seus interesses.

CAPÍTULO II - O FUTEBOL COMO CULTURA POLÍTICA

2.1 - O FUTEBOL ENTRE GUERRAS

Podemos supor que o futebol é um esporte de magnitudes inexplicáveis. Alguns tentam explicar como surge tal sentimento, porém, sempre fica um vácuo. Esse sentimento (euforia, paixão, fidelidade...) talvez sejam incompreensíveis. O que leva milhões de pessoas pelos quatro cantos do mundo se deixarem envolver de forma hipnotizante por uma “brincadeira” entre alguns sujeitos e uma bola? Difícil explicar! Mesmo assim podemos perceber que o futebol tem um poder muito grande em relação aos seus admiradores e capacidade de mobilizar milhões de pessoas em um mesmo sentimento.

Antes dela nenhum episódio havia unido tantos brasileiros contra um inimigo comum, assim se referia José Murilo de Carvalho a Guerra do Paraguai citado por Cleane Maria Alves da Costa em sua monografia intitulada de *Jovita Alves Feitosa: Relações de gênero e presença feminina na guerra contra o Paraguai (1864-1870)*. Diferentes nos seus objetivos, porém, muito parecidos em proporções sentimentais alguns anos depois surge no Brasil o futebol e com pouco tempo de existência, assim como a Guerra do Paraguai, já unia milhões de brasileiros em um sentimento comum, principalmente em tempos de copa do mundo. E é com alguns flertes entre futebol e guerra que iniciaremos esse capítulo, em seguida faremos uma discussão historiográfica da forma mais sintética possível da relação entre futebol e política no decorrer dos tempos até nossos dias, e tentar perceber como este foi utilizado como instrumento político com as mais variadas intenções, no Brasil e no mundo.

Vamos começar com uma história emocionante, que apesar de o futebol não ser o principal motivador da mesma, este estava lá, mostrando sua força e fortalecendo aquele que mesmo esquecido pela historiografia, talvez tenha sido uma das maiores demonstrações de amor e solidariedade entre adversários de guerra da história. Uma confraternização entre adversários num ambiente totalmente hostil, em meio a adversidades inimagináveis, tomados pela barbárie e desumanidade, “cadáveres de combatentes de ambos os lados compõem a paisagem com cerca de arame farpado, troncos de árvores calcinadas e crateras abertas pelas

explosões de granadas.” (LEUZINGER, 2004)³. Esta era uma descrição parcial daquele que era o cenário da Primeira Guerra Mundial.

Em 1914 segundo Leuzinger (2004), as vésperas do natal daquele ano durante a Primeira Guerra Mundial, também chamada de “A Grande Guerra”, em meio à tamanha carnificina, soldados britânicos, franceses e alemães de forma espontânea, sem nenhum acerto entre os gabinetes dos generais, fizeram uma trégua e durante alguns dias “soldados cessaram fogo e deixaram por alguns dias as diferenças para trás” (LEUZINGER, 2004). Isto aconteceu às vésperas do período natalino em toda frente ocidental, que se estendia do mar do norte aos Alpes suíços, cruzando a França. Segundo Leuzinger (2004), houve troca de presentes e vários momentos de descontração,

Porém, o melhor estava por vir. Nos dias 25 e 26, foram organizadas partidas de futebol. Centenas jogaram bola nos campos debatalha. “Bola” em muitos casos era força de expressão; podia ser apenas um monte de palha amarrado com arame ou uma lata de conserva vazia. E no lugar de traves, capacetes, tocos de madeira ou o que estivesse na mão. Foi assim em Wulvergem, na Bélgica, onde o jogo foi só pelo prazer da brincadeira, ninguém prestou atenção no resultado. Mas houve também partidas “sérias”, com direito a juiz e troca de campo depois do intervalo. Numa delas que se tornou lendária, os alemães derrotaram os britânicos por três a dois. A vitória suada foi cercada de polêmica: o terceiro gol alemão teria sido marcado em posição irregular (o atacante estava impedido) e a partida, encerrada depois que a bola – esta de verdade – furou ao cair no arame farpado (LEUZINGER, 2004).

De acordo com Sergio Augusto⁴, durante a Segunda Guerra em 1942 na então invadida Ucrânia, foram realizadas partidas entre o Dínamo de Kiev e um selecionado alemão. Se aproveitando da simbologia do futebol com intuito de exaltar o regime nazista e mostrar superioridade da raça alemã, estes ordenaram que o Dínamo de Kiev perdesse as partidas.

Briosos e destemidos, os ucranianos desconsideraram a ameaça e derrotaram uma seleção alemã, em 1942. Foram todos executados depois dos jogos. Um monumento em Kiev os celebra como “mártires do futebol ucraniano”. Mártires do fanatismo ideológico, da

³LEUZINGER, Bruno. **Noite feliz na terra de ninguém**: natal de 1914. Aventuras na história para viajar no tempo. Disponível em: guidoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/noite-feliz-terra-ninguem-natal-1914-433575.shtml. Acesso em: 25 maio 2014.

⁴AUGUSTO, Sérgio. **Os Demônios da Multidão**: tudo pode ser explicado pelo futebol, demonstra a Copa América, que apresenta o continente como ele é. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,os-demonios-da-multidao,20063>. Acesso em 15 maio 2014.

prepotência política e da demagogia populista existem em inúmeras praças esportivas (AUGUSTO, 2006)

Outro fato que demonstra o poderio do futebol é o caso de Pelé na África em 1969, quando o time do Santos Futebol Clube excursionava por aquele país. Segundo o blog Almanaque do Esporte, o Santos Futebol Clube no intuito de promover a sua marca, faria uma partida na antiga nação do Congo Belga hoje conhecido por República Democrática do Congo. O que a delegação do Santos não sabia era que a nação estava imersa em uma sangrenta guerra civil. Segundo o mesmo blog, o Congo Belga era “comandado pelo major Marcen Ngouabi que tentava se manter no poder após um golpe de estado ocorrido em 1968 [...]e os rebeldes tentavam depor Marcen com outro golpe de estado”(almanaqueoespote.com, 2011).⁵

Sabendo da guerra, a delegação do Santos ainda segundo o blog Almanaque do Esporte cogitou desistir da partida. Houve uma comoção nacional e os rebeldes entraram num acordo de parar a guerra. Foi acordado que além de uma partida haveriam três, além de Brazaville mais duas em Kinshasa. Segundo o historiador Guilher Nascimento citado por Bruno Cassucci e João Henrique Marques⁶ (2012) pelo site Lancenet, além da guerra do Congo, o Santos na mesma excursão parou a guerra que acontecia na Nigéria no mesmo período. Apesar da grande equipe que possuía o Santos, “todos” são unânimes em dizer que o principal motivador daquilo que podemos chamar de “milagre”, foi o rei Pelé. Para se ter uma idéia do prestígio de Pelé, dois anos depois no Piauí o governador na época Alberto Tavares Silva na tentativa de promover o esporte no Estado e também envaidecer seu mandato, cancela partida que seria realizada entre o Santos de Pelé e o Esporte Clube Flamengo então bicampeã piauiense pela ausência do mesmo.

No saguão do aeroporto os dirigentes e o técnico justificavam a ausência de Pelé: “Pelé ficou em tratamento médico em São Paulo. Não pode vir”. Ao saber da notícia, o governador Alberto Silva não teve dúvida: “não tem jogo. O contrato que fiz foi para o Piauí ver Pelé”. Os dirigentes paulistas ainda propuseram a redução da cota que o clube teria direito, mas o governador foi incisivo: “sem Pelé não tem jogo”. (FILHO, 2009)

⁵**A guerra que parou para ver Pelé.** Disponível em: <http://almanaqueports.blogspot.com.br/2012/03/guerra-que-parou-para-ver-pele-jogar.html>. Acesso em 12 maio 2014.

⁶CASSUCCI, Bruno, MARQUES, João Henrique. **Historiador contraria “lenda” e afirma: “Na década de 60, Santos parou duas guerras”.** Disponível em: http://www.lancenet.com.br/santos/decada-Santos-parou-guerras-Africa_0_677932201.html. Acesso em 12 maio 2014.

Em 2004, mais uma vez o Brasil rouba a cena. Em meio a uma situação calamitosa, de acordo com Marcelo Monteiro (2010), “brasileiros foram enviados para o país da América Central com uma missão: dar alegria, por um dia que fosse a uma população tão sofrida”. Este país era o Haiti, que se encontrava “totalmente” destruído devido a guerra civil, os brasileiros eram a seleção brasileira de futebol. A população entrou em transe, e durante todo o trajeto feito em tanques de guerra, as pessoas acompanhavam como podiam, de bicicleta, a pé, disputavam a tapas os galhos de árvore, de onde podiam ver melhor a Seleção Brasileira. Ainda segundo Marcelo Monteiro (2010), mesmo desfalcado a seleção contou com o que tinha de melhor na época. Nomes como Ronaldinho Gaucho e Ronaldo Fenômeno estavam presentes. Para o autor estes “não eram soldados, mas conseguiram fazer com que grupos adversários deixassem suas armas de lado” (MONTEIRO, 2010).

O Brasil venceu a partida por seis a zero, com três gols de Ronaldinho Gaucho, dois de Roger e um de Nilmar. No término do jogo chamado de “jogo da paz”, a seleção brasileira foi aplaudida de pé. Para Monteiro (2010), este foi “um exemplo do poder político que o esporte pode ter”, seguindo o pensamento do autor podemos supor que na Nigéria, no Congo e na Primeira Guerra em 1914, foi uma grande demonstração do poder político que o futebol possui, interferindo de forma positiva em momentos praticamente “impensáveis”. Quem sabe de repente, podemos até mesmo classificar eventos como estes de “política esportiva diplomática”.

Mais uma vez o futebol envolto em guerras. Em 1914 na Primeira Guerra Mundial o mesmo não foi protagonista (mas roubou a cena), mesmo assim, estava lá como símbolo de confraternização e amizade. Podemos perceber na narrativa de Bruno Leuzinger (2004), que para ele é como se o futebol fosse o protagonista, assim como para nós. Porém, tanto no Congo, como na Nigéria, era ele, o futebol, o principal motivador e protagonista do que segundo o Almanaque do Esporte, Pelé considerou um de seus maiores gols de placa. Pelé parou duas guerras! Mesmo sem a presença de Pelé, dessa vez com novos personagens, o Haiti também foi palco de um grande feito do futebol, onde mais uma vez este era o protagonista. Com relação a este último podemos supor que uma das principais intenções do governo brasileiro em organizar tal evento era fazer uma média com a Organização das Nações Unidas (ONU), na qual o Brasil pleiteava um lugar de maior destaque, com direito de voto.

Mal intencionados ou não, a alegria que estes homens promovem através do futebol é “inexplicável”, (ou algumas vezes “explicado” de mais). Ora, o futebol paralisa uma guerra, conforta milhares de pessoas depois de uma tragédia, une inimigos de guerra em torno de um

campo de futebol. Estes são todos fatos tão questionáveis, porém, neste trabalho tentaremos de certa forma dar alguma direção que nos ajude a compreendê-los. Contudo o importante é a alegria algumas vezes de forma momentânea que o futebol proporciona. Quem leva uma vida confortável talvez possa achar momentos como esses que foram citados uma banalidade, porém, para aquelas pessoas que estavam passando por momentos de total barbárie, alguns dias de paz podem valer por anos. E o futebol muitas vezes questionado e criticado tem esse poder.

Um esporte que mexe com tantos corações, e move tantas pessoas, fica praticamente evidente que se tornaria bandeira política, pois muitos políticos se aproximam deste esporte, e se utilizam do mesmo, seja com boa ou má intenção. E a seguir veremos casos de ditadores que se apropriaram do futebol para propagandear e legitimar seus regimes.

2.2 - FUTEBOL E DITADURAS

Vários são os casos em que futebol foi utilizado por regimes ditatoriais, na intenção de se aproximar e melhorar sua imagem perante a sociedade. Duas copas são rodeadas de suspeitas devido à forma como as duas ocorreram. Uma ocorreu na Itália em 1934, a outra na Argentina em 1978. Ambos os países eram comandados por ditadores que se “utilizaram” do futebol como propaganda política do dito regime. Outros eventos envolvendo regimes ditatoriais e futebol também ocorreram em outros países, inclusive no Brasil, e a seguir iremos falar de alguns.

Segundo Maurício Drumond (2013)⁷, em 1978 a Argentina passava por uma ditadura comandada por Videla, a ordem do dia no novo regime era matar, seqüestrar..., “sem conseguir despertar o entusiasmo e a adesão explícita da população, o esporte aparecia como meio de exaltar a pátria, e a Copa do Mundo caía nos braços da junta militar como presente vindo dos céus, advinda as feita pelo congresso da FIFA em 1968” (DRUMOND, 2013).

De acordo com a Folha de São Paulo do dia 17 de maio de 2013, em 1978 o então presidente acima citado (General Jorge Rafael Videla), usou a copa do Mundo realizada em seu país como propaganda de governo. Essa copa foi rodeada de suspeitas, principalmente depois da vitória de goleada da Argentina sobre o Peru por seis a zero, contestada por muitos e que deixou o Brasil fora da competição. Segundo a Folha de São Paulo (2013), “Ramon

⁷DRUMOND, Maurício. **Ditaduras e a Bola: Argentina (1978)**. Disponível em: WWW.ludopedio.com.br/rc/index/php/arquivancada/artigo/1558. Acesso em 02 jun 2014.

Quiroga, argentino naturalizado que defendia o gol peruano, disse em 98 que ele e seus companheiros receberam dinheiro para entregar o jogo. Depois recuou”.

Mesmo não existindo provas de articulações ilícitas a favor do selecionado argentino naquela copa, os comentários acima sugerem um grande interesse dos mandatários em fazer com que a seleção argentina se sagrasse campeã daquele torneio. Na Argentina assim como no Brasil seus habitantes na grande maioria são apaixonados por futebol e a conquista de um mundial naquele momento na Argentina “deixaria” o mandatário seja ele quem fosse numa situação “bem mais confortável”.

Portanto comprar uma vitória era um dos caminhos mais fáceis para se alcançar a conquista da copa e é bem provável que Videla tenha feito isso com o propósito de fortalecer e legitimar o seu regime. Então só de haver a suspeita do uso do futebol como instrumento político naquele evento já o configura como prática política, pois independentemente dele ter sido usado ou não naquele momento, houve a suspeita, e se houve a suspeita fica claro que em um momento ou outro este esporte é utilizado politicamente, do contrário não haveria nem suspeita.

Suspeita a parte, para Maurício Drumond (2013),

Por um lado, a participação da Argentina e sua vitória na competição foram utilizados como importante ferramenta de propaganda pela ditadura de Videla. Mas por outro lado, ofereceram ao povo algo pelo qual sonhar e aspirar [...] o futebol não seria um momento de disfarce do regime, mas o de escape das pessoas, onde poderiam desfrutar do prazer e da paixão que não tinham fora do estádio. O povo merecia o campeonato (DRUMOND, 2013).

Na Argentina independentemente da intenção quem ganhou foi o povo com um grande evento futebolístico, o preocupante talvez seja a alegria hipnotizante que envolve as pessoas de tal maneira que terminam em alguns momentos esquecendo problemas que talvez sejam de maior urgência.

O franquismo mesmo sem Copa do Mundo também esteve às voltas com o futebol como podemos observar a seguir,

O Barcelona foi perseguido de maneira implacável e cruel. Orgulho catalão e desde sempre um modelo de gestão democrática, foi a quarta organização expurgada pelo fascismo espanhol, depois do comunismo, anarquistas e separatistas. Seu presidente Josep Sospedra, morreu na mão de milicianos franquistas, durante a guerra civil a guerra civil, e as instalações do clube foram demolidas pelos monarquistas, quase todos torcedores do Real Madri (AUGUSTO, 2006)

Diante da repressão franquista uma entidade com a magnitude do Barcelona, funcionando de forma democrática era um mau exemplo para o regime e devia ser combatido.

Segundo o blog tudo sim é história⁸, Mussolini utilizou o futebol como propaganda do regime fascista nas copas de 1938 na França e a de 1934 na Itália. Principalmente a última, onde não economizou esforços para conquistar a mesma. Segundo o mesmo blog, o ditador fascista chegara a indicar os árbitros que apitariam as partidas da Itália. Até mesmo camisas pretas os jogadores tiveram que usar em algumas partidas em alusão aos destacamentos fascistas chamados de “Camisas Negras”.

De acordo com a Folha Online Mussolini mudou até as leis no país na intenção de facilitar a naturalização de alguns jogadores descendentes de italianos como é o caso do jogador “Filó, ponta-direita, que defendeu várias equipes de São Paulo” (NEGREIROS 2009, p. 300) e que fez parte daquela seleção, sendo o primeiro jogador brasileiro a ser campeão do mundo em 1934. Segundo Sergio Augusto (2006), na copa de 1938 os jogadores italianos eram ameaçados por Mussolini, se não vencessem a copa morreriam. Felizmente para o bem desses jogadores os mesmos saíram vencedores. A conquista da copa “significava, aos olhos do Dulce, a consagração mundial do fascismo, no poder desde 1922, o que explica, o ”XII” (12 anos de Mussolini) acoplado ao “MCMXXXIV” (1934) no cartaz da copa da Itália” (AUGUSTO 2006).

Ainda há pouco falamos de ditaduras na Itália, na Argentina e na Espanha. A Espanha por efeitos estéticos foi colocado junto, porém a ideia desse tópico com Argentina e Itália separadamente foi devido somente ao caráter diferenciado destes em relação a prática política envolvendo o futebol. No Brasil e muito provavelmente em outros lugares do mundo também tiveram ditadores que se utilizaram do futebol para favorecerem o seu regime, entretanto, a Argentina e Itália não utilizaram somente uma seleção ou um time, eles se utilizaram de todo o aparato da copa, foi todo o evento em si “utilizado” para seu favorecimento. Nos dois casos de acordo como visto a pouco, é bem provável que os mesmos através de arranjos políticos conseguiram sediar as Copas e através de ameaças e subornos levaram suas seleções a vitória, desta forma propagandeavam seus regimes e se mostravam superiores aos demais sem falar numa provável “aceitação” do regime por parte da população.

No tópico seguinte iremos tratar de ditaduras no Brasil que também se utilizaram do futebol em prol de seus regimes, mas, não esqueceremos que políticos que se diziam

⁸**Os Esportes a Serviço da Política.** Disponível em: tudosimehistoria.blogspot.com.br/2012/06/os-esportes-sevico-da-politica-html. Acesso em: 02 jun. 2014.

democráticos também se dispuseram do futebol como seu aliado. Lembraremos também dos sindicatos que por conta de uma cultura escravista tinham dificuldade de juntar as pessoas em suas reuniões, esses também se valeram do futebol para esta empreitada.

2.3 - FUTEBOL COMO CULTURA POLÍTICA NO BRASIL

Em finais do século XIX para o começo do século XX, o Brasil é palco de várias mudanças, entre elas o fim da escravidão e a proclamação da república. O crescimento da indústria, principalmente têxteis nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo não exclusivamente, atraíram grande número de pessoas a procura de emprego. Esse grande fluxo de pessoas deu início a formação da classe operária, mas não como fatores preponderantes como podemos ver a seguir.

É então que podemos falar de formação de classe operária, não como resultado mecânico a existência da indústria ou da abolição da escravidão, mas como , que surge na organização, na ação coletiva, em toda a manifestação que afirma seu caráter de classe. (BATALHA, 2000, p. 173)

Dai surgiram os sindicatos, ainda desinteressante aos olhos dos trabalhadores e palco de conflitos ideológicos. O futebol tem seu “primeiro” uso político explícito no intuito de atrair maior número de pessoas e aproximar os mais ativos dos mais displicentes.

Essa mudança na cultura operária militante teve reflexos inclusive nas relações com o esporte. Assim ao invés de encarar o futebol com desconfiança, algumas associações particularmente aquelas que já nos anos 1920 estavam sob influência dos comunistas, passaram a estimular a criação de times de trabalhadores, aproximando a cultura operária militante da cultura dos trabalhadores não-militantes (BATALHA, 2000, p.66).

Durante a Era Vargas além de fortalecer a ideia de futebol como elemento identitário do Brasil, “foi também nessa década que o futebol se profissionalizou definitivamente, iniciando uma nova fase de sua história, com o surgimento das ligas, associações e federações regionais, voltadas para o desenvolvimento profissional, com interesses políticos (locais e regionais) e comerciais bastante claros” (MORAIS, 2001, p.98).

Segundo Drumond (2009), Getúlio mesmo atento a movimentação das pessoas em torno do futebol não se envolveu de uma vez com esporte. Mesmo assim de acordo com o autor este já se utilizava dos estádios para a realização dos seus eventos cívicos, verdadeiros teatros ao ar livre onde a imagem de Getúlio era exaltada. “As comemorações da semana da pátria – na semana do sete de setembro – eram sempre recheadas de eventos e apresentações esportivas, algumas delas em estádio, principalmente em São Januário” (DRUMOND, 2009, p.239). Eliazar João da Silva completa,

A organização política desse período apoiou-se nas diferentes manifestações culturais como forma de que elas legitimassem o regime do Estado Novo. Se anteriormente a sua implantação em 1937, o poder público já explorava alguns dos elementos culturais, a partir de 1937, esses elementos adquiriram maior proporções quanto a sua exploração, e, desse modo, de forma oficial.” (SILVA, 2004, p. 152).

De acordo com Drumond (2009), sua aproximação, ou seja, a “intervenção” do Estado sobre o esporte se deu a partir de 1935, se intensificando cada vez mais. Para o autor sua consolidação com o futebol se deu com o advento da copa de 1938 na França. O “pai dos pobres” como era chamado deu uma generosa ajuda financeira a delegação brasileira e “teve sua figura ligada a equipe brasileira através de sua filha Alzira Vargas, madrinha da seleção nacional”. (DRUMOND, 2009, p. 230).

Para Eliazar João da Silva a conciliação das ligas paulistas e cariocas contribuiu com as intenções do Estado Novo na copa de 1938. “Tal fato foi preponderante para essa “unidade”. Para além da “pacificação nacional”, a perspectiva do Estado Novo era de que a boa performance dos atletas brasileiros contribuiria para a propaganda do Brasil diante dos demais países”. (SILVA, 2004, p.125)

Getúlio cumprimentou os jogadores e deixou claro a importância do título para o futuro da nação. Dentro daquele momento “a miscigenação racial da equipe brasileira era vista no Brasil como um verdadeiro retrato de nossa democracia racial, o que servia de forma perfeita aos ideais de ufanismo nacional e harmonia social propagandeados pelo Estado Novo”. (DRUMOND, 2009, p.230)

Para Maurício Drumond (2009), não se trata de cultura identitária imposta pelo Estado. Na verdade essa identidade futebolística “foi” espontânea da população. No sentido dela se tornar marca identitária nacional, podemos pensar que o governo Vargas a utilizou para propagandear seu regime e lhe dar maior visibilidade, portanto lhe dando maior

popularidade e divulgando seu regime através do futebol. Realmente o governo Vargas se utilizou do futebol como propaganda do regime, podemos perceber melhor nas análises de Eliazar João da Silva:

De maneira objetiva, 1938 foi o ano que se pode ser entendido como o momento em que representantes do governo federal interferiram diretamente no futebol em relação ao período precedente [...] Para além de uma questão meramente esportiva, o futebol significaria um importante instrumento de propaganda da nação, e do próprio regime. (SILVA, 2004, p.127/131)

Segundo Adeldo Gonçalves na copa de 50 houve de certa maneira uma intervenção política, o que talvez tenha contribuído para a derrota brasileira na final, vejamos,

E, em 1950, depois da redemocratização de 1945, há quem diga que a frustração da derrota brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo foi motivada principalmente pelo acesso indiscriminado de políticos à concentração da seleção nas horas que antecederam a partida final. Afinal todos queriam aproveitar a oportunidade para tirar uma foto ao lado daqueles que já eram considerados antecipadamente campeões do mundo (GONÇALVES, p. 02)⁹.

Nos anos de 1970 durante ditadura militar em meio à repressão, perseguições e assassinatos e uma onda de consumismo incentivado pelo que foi chamado milagre econômico o futebol também sofreu a intervenção do Estado.

A maior exploração política do futebol no Brasil, porém, viria vinte anos mais tarde, quando a seleção sagrou-se tri-campeã do mundo no México, a época em que a ditadura militar promovia a tortura e a matança indiscriminada de opositores políticos. A cada vitória, uma aclamação popular parecia legitimar o regime, enquanto o próprio ditador de plantão, o general Garrastazu Médici, aparecia no noticiário da TV fazendo canhestramente embaixadas com a bola nos pés. (GONÇALVES, p. 02)

Segundo o Observatório do Esporte¹⁰ (2014), a Ditadura Militar interferiu de forma direta no futebol. Na Copa de 1970 João Saldanha foi afastado do cargo de técnico, em seu

⁹ Resenha da obra AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 272 págs. 2002.

¹⁰ O OBSERVATÓRIO DO ESPORTE é um projeto patrocinado pela PROEX - Pró-reitoria de Extensão Universitária da UNESP e tem como objetivo agregar professores, alunos e profissionais das diferentes áreas da Comunicação Esportiva para estudar, produzir e difundir nas linguagens das diversas mídias as modalidades

lugar entrou Zagalo. O motivo segundo alguns, supostamente teria sido problemas na escalação da equipe. Porém, de acordo com o Observatório do Esporte o motivo real seria a ligação do técnico com o partido comunista. Jornalista de opinião formada, não tinha medo de expressar suas idéias e preferências políticas. Esse comportamento de certa forma incomodava os militares. De acordo com o documentário Memórias do Chumbo¹¹ - Futebol nos Tempos de Condor no youtube, existiam agentes a serviço dos militares infiltrados na comissão técnica da seleção brasileira com a missão de vigiar os jogadores para que estes não entrassem em contato com pessoas ligadas ao partido comunista ou políticos considerados inimigos do regime. Ainda segundo este qualquer postulante a cargo de dirigente teria que ser submetido ao Estado.

De acordo com o Observatório do Esporte o campeonato brasileiro surgiu em 1971, o objetivo deste, segundo o Observatório, era angariar apoio político em diversos lugares do Brasil com o torneio chegando a ter 70 clubes participantes. A participação dos clubes no campeonato se dava em troca de apoio político. Outra forma de controle por parte do Estado era através da concessão de obras. Neste período foram construídos vários estádios Brasil afora. Ainda segundo o Observatório do Esporte (2014), vários jogadores foram perseguidos de acordo com suas posições políticas como é o caso de Nando Coimbra que foi perseguido e preso durante o regime devido sua proximidade com João Goulart. Nando participou de uma campanha a favor da erradicação do analfabetismo e uma educação que desse um maior estímulo a consciência política.

De acordo com o Observatório do Esporte outros jogadores também foram perseguidos, como Zé Roberto (ex-Flamengo e Fluminense), Reinaldo (ex - Atlético - MG) e Wladimir (ex – Corinthians), e Afonsinho (ex – Botafogo). Este último foi o primeiro jogador a obter o passe livre, era perseguido devido sua posição política firme e sua aparência. Este “foi proibido de treinar no Botafogo, em 1970, apenas por que “tinha deixado crescer o cabelo e a barba”” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 92). Afonsinho usava barba e cabelos compridos, estilo considerado fora dos padrões “normais” da época e um mau exemplo para os jovens de

esportivas nacionais e internacionais. Além disso, é um programa veiculado pela Rádio UNESP FM à meia noite de sexta para sábado e também às 11:00h do Sábado. O OBSERVATÓRIO DO ESPORTE tem a coordenação dos Professores Doutores Marcos Américo, Carlo Napolitano e José Carlos Marques, da Faculdade de Arquitetura, Artes e comunicação da UNESP, de Bauru - SP. Disponível em: observatoriodoesporteunesp.blogspot.com.br/search?q=futebol+e+ditadura, acesso em 15 jun. 2014.

¹¹O documentário “memórias do chumbo – O futebol nos Tempos do Condor”, produzido pelo jornalista e historiador Lúcio de Castro investiga as relações entre o futebol e os braços armados das ditaduras militares em quatro países da América Latina: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Disponível em: WWW.youtube.com/watch?v=JYP6MK+WMnc. Acesso em 02 jul. 2014.

acordo com a Ditadura Militar. Segundo Waldeny Caldas (1994), diferentemente dos rebeldes tinham alguns jogadores que eram coniventes com a ditadura, um deles era Pelé que dava entrevistas nos países por onde passava dando conta que no Brasil estava tudo bem e que confiava nos seus mandatários e que estes só queriam o bem dos brasileiros.

Durante esse período atribulado o Corinthians teve forte participação política durante o regime. O movimento era representado por Sócrates, Casa Grande, Wladimir entre outros. Esses jogadores participaram de forma direta a favor redemocratização política do Brasil, participando de comícios como realizado na Praça da Sé em São Paulo.

Entre artistas, dividiram o palco com os políticos os músicos Chico Buarque, Alceu Valença, Jards Macalé, Gilberto Gil; atrizes como Cristiane Torloni, Beth Mendes e Fernanda Montenegro; jogadores de futebol consagrados na época, como os corintianos Casa Grande e Wladimir. (noticias.terra.com)¹²

O Corinthians funcionava de forma democrática, e todos, desde o roupeiro ao presidente do clube, tinham participação nas decisões da agremiação, tudo era resolvido através do voto. Depois de vermos alguns casos de apropriação do futebol por alguns políticos no Brasil, no capítulo a seguir veremos como se davam essas relações no Piauí, principalmente em Picos como foi proposto desde o início do trabalho.

¹²**Diretas já, 30 anos Praça da Sé, as vozes da democracia.** Disponível em: noticias.terra.com.br/Brasil/diretas-ja/. Acesso em 19 jun. 2014.

CAPÍTULO III - FUTEBOL COMO CULTURA POLÍTICA NO PIAUÍ

3.1 - GOVERNOS DE ALBERTO SILVA

No Piauí, mesmo sendo considerado um dos estados mais humildes da federação seus políticos não deixaram de perceber o potencial político do futebol e também ocorreram casos de apropriação deste como instrumento político com fins eleitoreiros. Em 1970 o governador Alberto Tavares Silva em seu primeiro mandato, provavelmente para se aproveitar do grande sucesso alcançado pela seleção canarinho na Copa do Mundo de 1970, resolveu divulgar esse esporte pelo Piauí com a construção de um estádio de futebol. Este empreendimento tinha a intenção de mostrar para o Brasil que o seu estado também tinha evoluído.

A construção do Albertão estava ligado a tentativa de inserir o Piauí nas competições nacionais de futebol, motivada ainda pela euforia da conquista do tricampeonato mundial na copa de 1970. Assim ao assumir o governo, Alberto Silva contratou técnicos para projetar um estádio com capacidade para 60.000 espectadores, uma obra monumental para a época [...] a construção do estádio transformou-se num instrumento de propaganda do governo estadual em toda a região, mostrando que o Piauí não vivia mais uma época de “lamúrias e lamentações”, ou seja, deixara de ser o estado mais pobre da Federação. A propaganda além de mostrar o desempenho da administração de Alberto Silva, buscava melhorar a auto-estima do piauiense (NASCIMENTO, 2010, p. 311/312).

Segundo Francisco Alcides do Nascimento (2010), a construção do estádio deu efeito contrário. Para cumprir com os prazos a obra foi acelerada e inaugurada com o estádio ainda inacabado no dia 26 de agosto de 1973. Quando da passagem de um avião e a estremeçada normal das arquibancadas, ouviu-se um alarme falso de que o estádio estava caindo causando grande tumulto e a morte de oito pessoas. Na época essa tragédia foi prato cheio para os jornais opositores que não pouparam críticas a então administração, afirma Nascimento (2010).

Nossa intenção nesse tópico é mostrar que no Piauí naquele período o futebol foi utilizado como instrumento político na intenção de dar maior visibilidade a atual administração, independentemente de ter dado certo ou não.

Neste mesmo período o governador criou um clube de futebol totalmente mantido pelo poder público estadual, este não mediu esforços nem dinheiro nessa empreitada, no período como não podia deixar de ser, era dirigido pelo um coronel da polícia militar, algo bastante sugestivo para época, virando até mesmo motivo de piada devido a falta de preparo por parte de seus dirigentes.

O futebol no Piauí viveu sua fase de ouro na época do governador Alberto Silva, quando o comandante da polícia militar era o coronel Tudy Caldas. Na euforia do governo do otimismo, foi fundado o Tiradentes, equipe que seria o espelho da força do novo Piauí. Clube oficial do Estado o Tiradentes tinha panos pras mangas e começou a importar craques e treinadores. Vieram muitos craques e pernas de pau. Em determinada ocasião, o time tinha 4 jogadores em cada posição.

Quando o comandante perguntou ao treinador Castilho o que estava faltando, este respondeu:

- Comandante agora só falta mesmo o entrosamento.
- Então vamos mandar buscar. Onde é que ele joga? (O DIA, 15/16/11/1991, p. 15).

O governador Alberto Silva era mesmo “adepto” do futebol, sempre que podia estava às voltas com ele. Em 1990 “a convite do governador Alberto Silva, o atacante Bebeto, do Vasco da Gama e da seleção brasileira, chegou ontem a Teresina, para prestigiar a posse de Susana Silva na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo...” (O DIA, 13/01/1990, p. 07). A presença de um jogador de futebol renomado como Bebeto era de bom tom na inauguração de algo relacionado ao esporte era uma boa maneira de propagandear seu governo e suponhamos que a ideia era realmente esta.

Apesar de já termos falado em grandes eventos, grandes ditadores e grandes políticos, agora a pouco acabamos de falar nos governos de Albert Silva, o futebol como cultura política não “isenta” ninguém e nenhum um lugar, seja esse grande ou pequeno. No Interior do Piauí também havia esta prática e antes de começar a falar da SEP e suas relações com a política em Picos, gostaria de primeiro contar um pequeno caso que aconteceu em um município chamado Piripiri, também no período estudado.

Um diretor de um time da capital dizia na sede da Federação Piauiense de Futebol (FPF) que o Quatro de Julho mantém o plantel com afolha de pagamento em dia porque o Deputado Luís Meneses reúne todo final de mês em qualquer lugar da cidade, os “amigos do Quatro de Julho”. Entre cervejas e Wisque do bom, é distribuído um envelope para que o mesmo seja devolvido com qualquer quantia no final da festa (O DIA, 15/11/1991, p. 16).

O Piauí por não ter uma forte tradição no futebol, com grandes times, a grande maioria dos clubes recebem certo apoio político, principalmente os do interior que representam seus municípios e são algumas vezes custeados em parte ou integralmente pelas prefeituras ou por políticos como o caso acima citado. Mesmo não dando diretamente o dinheiro, o Deputado usava de seu prestígio político para angariar fundos. Em alguns casos esses o utilizam como ferramenta política a seu favor como aconteceu em Picos no período de 1989 a 1992 quando a Prefeitura Municipal representada pelo senhor José Nery abraçou a Sociedade Esportiva de Picos e a colocou no topo do futebol piauiense. No próximo tópico trataremos dessas relações entre futebol e política na cidade de Picos no período acima mencionado.

3.2 – AS RELAÇÕES ENTRE FUTEBOL E POLÍTICA NA CIDADE DE PICOS

3.2.1 - ROMEIROS DO FUTEBOL

O futebol apaixonante esporte capaz de mobilizar nações inteiras, é tido como principal esporte no Brasil e símbolo identitário da nação, bater de frente com este estereótipo não é de bom tom, pois, a grande maioria da população “acredita” nisso e defende esta posição intensamente. De certo modo em um país carente de lazer para a população mais pobre, o futebol muitas vezes cobre essa lacuna. Por compor a maior parte da população brasileira essa população de baixa renda talvez seja o principal alvo de políticos, e oferecer a eles este esporte muitas vezes de graça pode de repente trazer alguns benefícios de cunho eleitoral.

É incrível como costumes de milhares de anos atrás pode influenciar a vida contemporânea, “os romanos calavam a boca da plebe rude e enganava dando pão e circo. Zé Nery vai no mesmo rumo, dando o futebol e o sopão” (O DIA, 15/16/12/1991, p. 16). O autor faz uma comparação do mandato de José Nery com a política do pão e circo dos romanos o que é bem pertinente, só que os tempos são outros e enganar talvez não seja um termo cabível. Outros qualificam essa prática de alienante, porém para Caldas (1994, p. 47), transformar uma festa como futebol em “ópio do povo”, em algo alienante, corresponde a ter visão unilateral e maniqueísta dos processos sociais”, para o autor “fica claro o seguinte: não é o futebol enquanto tal que aliena. Quem aliena são os governantes que deliberadamente,

usam os esportes de massa com objetivos políticos” (CALDAS, 1994, p. 47). Em nosso trabalho vamos chamar essa prática de Cultura Política como vimos no primeiro capítulo.

Os jogos realizados fora de Picos eram sempre acompanhados por um grande número de torcedores, sendo que a grande maioria era transportada em carros chamados de Paus de Arara. Os Paus de Arara eram caminhões adaptados com uma cobertura de lona sustentada por pedaços de madeira pregados na vertical; tabuas pregadas de um lateral a outra que serviam de bancos; e outras que ficavam na horizontal na altura do ombro que serviam de encosto. Esses transportes eram patrocinados pelo senhor Zé Nery e muito provavelmente pelo poder público municipal.

O senhor Zé Nery já tinha tradição em viagens com romeiros, pois usar a religiosidade como prática política também era uma de suas estratégias de campanha. Anualmente se deslocava com os caminhões de sua distribuidora de bebidas “primeiro para o Canindé no mês de outubro e segundo no mês de novembro para Juazeiro do Norte, Ceará” (O DIA, 01/10/1991, p. 03). Com a participação da Sociedade Esportiva de Picos no campeonato piauiense esses serviam de transporte para os torcedores que eram chamados pelo jornalista Desdeth Nunes de “Romeiros do Futebol”. Com eles vinha uma espécie de cozinha para fazer o sopão.

Torcedores de Picos vêm pra Teresina de montão. Os caminhões que servem para carregar os romeiros para Juazeiro ou Canindé não foram desativados. Continuam com as capotas para servirem de transporte aos torcedores. São os Romeiros do Futebol [...] uma viatura montada como se fosse uma cozinha completa será trazida para Teresina comboiando as carretas que trazem os torcedores picoenses. Antes do jogo a sopa será servida a galera (O DIA, 20/21/10/1991, p. 16).

Podemos perceber que as pessoas que seguiam a Sociedade Esportiva de Picos para ver os jogos eram na sua grande maioria pessoas de origem humilde. Portanto, apesar das péssimas condições em que essas pessoas se deslocavam para ver os jogos, isso fica mais “claro” no fragmento do jornal O DIA que veremos a seguir. “Para um jogo que teve preço majorado, a renda foi pouco. Só de Picos vieram quatro caminhões de torcedores. Como tinha muito romeiro do lado de fora. Zé Nery dizia que eles queriam o ingresso e ainda mais o picolé” (O DIA, 12/10/1991, p. 16).

Podemos sentir certo ar de deboche na fala do senhor Zé Nery descrita pelo cronista quando fala do picolé, é possível que tenha havido um certo exagero na fala do jornalista ou de repente que nem mesmo tenha havido tal fala do Sr. Jose Nery. Porém, viajar as vezes mais de 10 horas de maneira desconfortável com pessoas de toda qualidade e ainda se submeter a

receber um picolé (na suposição que esta fala tenha existido), nos leva a supor a situação social das pessoas que participavam dessas jornadas. Demonstra também uma aproximação do prefeito com as camadas mais pobres, o que é bem quisto mesmo que as vezes seja de forma dissimulada. Ora! O Sr. Prefeito além de dar o transporte dava também o ingresso, o sopão e depois de tudo isso ainda dava um picolé. Esse era ou não era um prefeito bom? Qualquer pessoa com o mínimo de condição possível na maioria das vezes não se submeteria a tal empreitada. Desta maneira através do futebol este criava uma imagem de homem humilde e sempre as voltas com as pessoas de menos condições e as margens da sociedade. Nos jogos realizados em Picos muitas dessas pessoas talvez por conta da lotação ou por falta de dinheiro, assistiam aos jogos da SEP de cima do Morro da Aerolândia como veremos no próximo tópico.

3.2.2 - O MORRO ARQUIBANCADA

Com o sucesso da Seleção de Picos em 1990 no intermunicipal e a boa participação que vinha fazendo a sociedade Esportiva de Picos - “com o apoio do prefeito José Nery a SEP formou uma equipe a base do time campeão do intermunicipal do ano passado” (O DIA, 19/12/1991, p. 16) - no campeonato piauiense, a sociedade picoense foi tomada pelo um sentimento de orgulho e satisfação. Quem sabe até mesmo pessoas quem nem sabiam o nome dos principais jogadores sentiam orgulho de serem picoenses. Tamanha satisfação de certo modo talvez deixasse a administração que não ia muito bem um pouco de lado. E o que importava no momento era a alegria futebolesca que envolvia a cidade.

Havia uma grande movimentação em torno desses jogos, o comércio fechava mais cedo. Segundo o Jornal O DIA (23/12/1991, p. 16), em dia de jogos mais importantes com o apoio do empresariado local e da prefeitura de Picos, vários carros eram disponibilizados para os municípios circunvizinhos para que os moradores daqueles locais pudessem vir a Picos ver os jogos.

Na época, em 1991, o estádio só possuía uma pequena arquibancada do lado direito. Para garantir um lugar para sentarem-se, várias pessoas chegavam ainda pela manhã. Em dias de treino o estádio ficava lotado. Pouco depois cumprindo normas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o estádio foi melhorado e colocado refletores para receber jogos a noite e

uma geral foi construída, mesmo assim o estádio ficava pequeno em dias de jogo da SEP. O Morro da Aerolândia mesmo um pouco distante do estádio era uma extensão do mesmo. O morro era a arquibancada improvisada das pessoas pobres ou não, porém, apaixonadas pelo futebol e pela Sociedade Esportiva de Picos. De cima do morro as pessoas assistiam aos jogos. Observemos os comentários de Deusdeth Nunes do jornal O Dia a respeito,

Para domingo os entendidos calculam que cerca de dez mil pessoas entraram no estádio Helvídio Nunes e que mais de mil ficaram em cima do morro [...] um grande jogo, genes boa, uma grande partida. Um público de mais de oito mil pessoas. Sete mil dentro do estádio e mil em cima do morro (O DIA, 06/07/10/1991, 26/11/1991, p. 16)

Neste período o estádio Helvídio Nunes ainda não havia passado pela reforma exigida pela CBF como critério para participação no campeonato da divisão intermediário do brasileiro. Mas mesmo assim depois da reforma o morro continuou servindo como arquibancada.

Mesmo em meio a turbulência administrativa algumas pessoas foram diretamente beneficiadas com o sucesso da SEP, veremos a seguir que entre os jogadores que formavam a equipe um deles chegou a alcançar sucesso nacional e “todos” pelo menos naquele período tiveram uma melhora de vida e tudo isso era de certa forma atribuída ao mandatário da época que se beneficiava com essa imagem de “bom político” pelo menos em relação aos setores mais pobres da população.

3.2.3 - OS JOGADORES

Apesar de muito criticado principalmente por opositores políticos, a ascensão da SEP também teve seus benefícios principalmente para os jogadores. “Um dos grandes méritos do SEP foi manter, acima de tudo, um time doméstico. Acreditou no jogador de Picos. Dos campeões que vinham jogando, nove entre os onze são de Picos” (O DIA, 19/12/1991, p. 16). O incentivo ao clube do SEP além de projetar o nome da cidade de Picos em escala nacional proporcionou algumas boas ações perante a sociedade picoense. Como o clube era constituído talvez na sua grande maioria por jovens da periferia, advindos de famílias humildes, esse time colaborou com a melhoria da alto estima desses jovens de futuro duvidoso.

Segundo o jornal O Dia (11/10/1991, p. 16), a equipe do SEP mantinha a maior folha de pagamento do Estado e isto refletia na vida desses indivíduos e também na administração que era alvo de críticas por conta disto. O SEP transformou alguns desses personagens em protagonistas, verdadeiros heróis em escala municipal, estadual e até mesmo nacional, como é o caso de Leonardo “menino pobre de Picos, nascido no bairro Malva e filho de um conhecido sapateiro (Sr. Chico Belo) cresceu rápido no futebol: foi contratado e destacou-se pelo Vasco da Gama, Palmeiras, Corinthians, Cruzeiro...” (CARVALHO, 2014). Projetando o nome da cidade de Picos em todo território nacional, carregando o nome da cidade e também do prefeito. Por alguns dias Picos deixou de ser a cidade dos Urubus pra ser a cidade do SEP de Zé Nery e do Leonardo. Para conseguir isto o Sr. Prefeito teve que sujeitar a cidade de Picos a algumas privações, é o assunto que abordaremos adiante.

3.3 – URUBUS X SEP

No final da década de 1980 e começo da década de 1990, em meio a várias denúncias de corrupção e descaso administrativo o Sr. José Nery investia pesado na agremiação esportiva que representava a cidade e cujas contas eram custeadas pela prefeitura municipal de Picos. Estes acontecimentos sugeriam o futebol como prática política e utilizado pelo Sr. Prefeito para de certa forma camuflar sua suposta má administração, e promover sua imagem de político engajado nas práticas futebolísticas e preocupado em divulgar o nome a cidade. A seguir tentaremos mostrar como tudo isso se passava.

O futebol no começo da década de 1990 se encontrava talvez em um dos pontos mais altos de sua popularidade na cidade de Picos. “toda” cidade estava de olho no campeonato piauiense daquele ano. A Sociedade Esportiva de Picos se encontrava muito bem na competição, com boas atuações seguidas de boas vitórias. A conquista do que seria o primeiro campeonato piauiense por um time do interior, deixava de ser somente um sonho e a cada vitória tornava mais palpável aquela conquista, deixando a grande maioria da população picoense e da micro região em grande euforia.

Diante de tais circunstâncias, ter o seu nome associado ao futebol e a Sociedade Esportiva de Picos naquele momento seria de boa notoriedade, e talvez bons arranjos políticos pudessem surgir depois de tal empreendimento. “Esquecidos os ressentimentos políticos, todos juntos torcendo pelo time de Zé Nery. É o esporte como fator de integração. Excelente

momento para todos os que tem pretensões políticas na terra do alho formarem os blocos e torcerem juntos” (ODIA, 14/12/1991, p.16).

Portanto não só o Prefeito de Picos ganhava com o sucesso da equipe, era constante a presença de autoridades políticas da cidade de Picos durante jogos da SEP, principalmente nas partidas decisivas quando o time estava fazendo mais sucesso, “como Warton Santos, Kleber Eulálio que circulavam na galera garimpando voto” (O DIA, 17/12/91, p. 16). Em outro momento o jornalista fala em outros nomes, “Maria Baldoino comandava a torcida picoense nas cadeiras tendo ao lado o presidente Assis Baldoino, o Carlos Luis e outras figuras”, todos de famílias tradicionais na política piauiense da época, o ultimo sendo filho do ex-governador e senador Hêlvídio Nunes de Barros o qual deu nome ao estádio da cidade construído década de cinquenta (ata da sessão do 14/02/1992, p. 36). Manter uma aproximação com o time naquele momento era de bom tom para a política. Podemos pensar que talvez isto também tenha sido o motivo de tamanho investimento na Sociedade Esportiva de Picos naquele período por parte do mandatário da época.

As nossas fontes sugerem que no período estudado na cidade de Picos existia uma prática política envolvendo a Sociedade Esportiva de Picos e o mandatário da época. No começo da década de 1990, em meio a várias denúncias de corrupção e descaso administrativo o Sr. José Nery se apropriou da Sociedade Esportiva de Picos (SEP), time de futebol que representava a cidade de Picos e cujas contas eram custeadas pela Prefeitura em seu favor para práticas políticas. Segundo o vereador Inácio Baldoino todo este investimento era em desacordo com o orçamento do município votado pela câmara municipal,

Estamos fazendo papel de bobos quando aprovamos os orçamentos – disse Inácio – porque a utilização dos recursos pelo Prefeito não obedece as diretrizes aprovadas pelos vereadores. Como exemplo disso Inácio deu causa de que o Prefeito de Picos aplica vultosa soma de recursos municipais na manutenção da Sociedade Esportiva de Picos (SEP), arcando com despesas não previstas no orçamento, em prejuízo de outros serviços considerados essenciais [...] O mais agravante, disse Inácio, é que tudo isso as custas e em detrimento do povo pobre (ata da sessão do dia 10/04/1991, P.235).

O fragmento acima nos dar mostras do uso do futebol como ferramenta política e talvez utilizado pelo Sr. Prefeito para de certa forma camuflar a sua suposta má administração e promover sua imagem de político engajado nas práticas futebolísticas e “preocupado” em divulgar o nome da cidade de quebra também o seu. Em requerimento do vereador Gilvan Gomes, o mesmo solicita ajuda da prefeitura de Picos no que diz respeito aos desportos. O mesmo solicita a construção de quadras esportivas e estádios na cidade e no interior (ata da

sessão ordinária do dia 14/06/1991, p. 259). Este requerimento nos deixa mais desconfiados ainda com as intenções do Sr. Prefeito com relação a SEP. Que desportista é este que só se interessa pela a equipe da SEP em si? Se há a preocupação do vereador em pedir apoio aos desportos, é bem provável que este fosse inexistente. Através do fragmento acima podemos supor que o grande desportista só o era quando se tratava da SEP, nos parece que essa preocupação não se estendia ao todo, isso nos leva a pensar que talvez existissem outros interesses além do esportivo.

No dia 06 de setembro de 1991, o vereador Francisco Messias do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) na época, em sessão ordinária da câmara municipal denuncia o Prefeito por desvio de verbas destinadas a educação e entrou com um projeto de cassação do mandato do prefeito José Nery por improbidade administrativa. Segundo o jornal O Dia (01/10/1991, p. 03), o vereador Francisco Messias era o mais ferrenho rival do Prefeito José Nery e foi ele quem o denunciou a Polícia Federal por desvios de recursos públicos. O pedido de cassação foi rejeitado por a maioria na câmara.

Apesar de adversário político este demonstrava ser grande desportista, pois, pelo menos nas atas que tivemos acesso em nenhum momento este critica a forma como prefeito tratava a SEP. Podemos pensar que isso se devia ao fato deste ter sido um dos fundadores da equipe da SEP e talvez por paixão ao time não se incomodasse com a maneira como a mesma estava sendo direcionada, e preferia fechar os olhos no que dizia respeito a equipe.

Uma comissão da Polícia federal chega a Picos para investigar as supostas irregularidades na educação do município. Foi feita uma total devassa nas instituições educacionais e foram constatadas irregularidades nas verbas destinadas a educação, para o vereador messias “não se justifica prestar contas de obras fantasmas, que nunca foram construídas” (ata da sessão do dia 03/05/1991, p. 243). Por conta dessas irregularidades o Prefeito de Picos foi indiciado pela Polícia Federal por desvio de verbas do Ministério da Educação (MEC) (O DIA, 18/12/1991, p. 08).

Outro fato que era alvo de diversas denúncias era a falta de saneamento básico com esgotos a céu aberto e a grande quantidade de lixo acumulado nas ruas atraindo grande número de Urubus. Segundo Ata da Câmara, o vereador João Militão Rufino reclamava da falta de limpeza dos esgotos da cidade que a atual administração nada tinha feito a respeito,

Combateu da tribuna o drama da sujeira em Picos que atrai grande número de Urubus pondo em risco a saúde da população [...] as péssimas condições sanitárias da cidade de Picos e a falta de saneamento básico e um adequado local para a feira livre dão a cidade

vias favoráveis para a entrada da cólera (Ata da sessão ordinária da câmara, do dia 21/02/1992, p.40).

Em sessão da câmara “O vereador Edivar Martins de Deus requereu verbalmente, que alguma providência seja adotada com vistas a afugentar a enorme quantidade de urubus que se proliferam no centro da cidade, criando uma imagem negativa e pondo em risco a saúde das pessoas (Ata da sessão de 03/05/1991, p. 242/243). Quando ele fala em imagem negativa podemos pensar que ele refere ao apelido que era dado a Picos naquele período. Picos era conhecida em muitos lugares como “Cidade dos Urubus”, devido justamente a grande quantidade destes pela cidade, completamente domesticados. Vejamos outro fragmento do jornal O DIA sobre este assunto,

Depois de uma longa luta encampada pelo diretor do Premen, professores e alunos conseguiram a abertura da Rua Hilda Policarpo que se encontrava interdita por uma lagoa e uma grande quantidade de lixo.

Desde o dia 10 de maio que a luta vinha sendo encampada, com solicitações ao Prefeito José Neri de Sousa, ao Terceiro BEC e outras autoridades competentes.

Até quer de tantos apelos resolveram atende-los (O DIA, 06/07/10/1991, P.14).

De acordo com o fragmento acima podemos perceber que realmente havia um certo relaxamento com respeito a limpeza da cidade, ora, ficar cinco meses pra retirar o lixo de uma rua era de certa forma um grande desrespeito ao cidadão. Isto provavelmente refletia nos demais setores, menos na Sociedade Esportiva de Picos que continuava bem saneada e motivo de orgulho por parte da grande maioria da população da cidade o que refletia de maneira positiva com relação a administração que permanecia nas graças do povo. Porém por outro lado era uma das principais queixas por parte de alguns vereadores na Câmara Municipal.

O vereador Inácio Baldoino de Barros citou uma grande contradição na administração do prefeito José Nery: enquanto alguns servidores recebem míseros salários de até quatro mil cruzeiros “com atraso”, a Prefeitura paga elevados salários aos jogadores da SEP (Sociedade Esportiva de Picos), os salários destes ultrapassam os setecentos mil, “e não atrasam”, enfatizou Inácio que ainda acusou o Prefeito de vaidoso e principal responsável pela fome no município (Ata da sessão do 06/03/1992, p.44).

Em outra sessão, “... José Baldoino, diz ainda o seguinte sobre a prática do futebol em Picos: é indiscutível a importância do esporte e lazer para o homem, mas o que deve ser

questionada de fato é a maneira como essa função social está sendo mantida pelo poder público” (ata da sessão ordinária do dia 28/02/1992, p.42).

O vereador não fala explicitamente, mas, podemos perceber que o mesmo está se referindo a forma como o Prefeito tratava a SEP, dando importância de mais a mesma e deixando de lado a saúde, educação, moradia, elementos que são de fundamental importância para o ser humano e devem ter prioridade, até mesmo o lazer de modo geral não era bem atendido como vimos na solicitação do vereador Gilvan anteriormente. Este dava prioridade a Sociedade Esportiva de Picos, apesar de usar também a religiosidade e o carnaval como ferramenta política, naquele momento o futebol era muitas vezes a cultura política predominante na cidade de Picos. Podemos supor que funcionava da seguinte maneira, quem quisesse lazer tinha o futebol e o carnaval, quem ficasse doente era só rezar, e educação? Pra que educação!

Deixar elementos como os citados acima em segundo plano em detrimento do futebol sugere uma prática política como forma de mascaramento e de autopromoção. Vejamos o fragmento a seguir,

O Prefeito José Nery e dono do time resolveu que os preços dos ingressos lá em Picos não seriam majorados. Assim é que o ingresso é 200 cruzeiros sendo também este preço para mulheres. O romeiro jogou alto com a galera. Para o descontentamento dos federacionistas Lula e Fred [...] José Nery de Sousa realizou um arrastão com seu time. Vestiu a camisa do time onde era dono e o entregador de gelo (O DIA, 10/11/11/1991, 19/12/1991, p. 16)

O colunista se refere a SEP não como o time da cidade de Picos, este se refere ao SEP como se esse fosse do Sr. José Nery, como algo que fosse de sua propriedade, algo que fosse dele. No entanto o time era mantido pela Prefeitura de Picos e não por recursos do próprio José Nery. Na parte que fala do entregador de gelo sugere um ar de humildade e certa proximidade com as pessoas mais humildes, criando assim uma imagem de “homem simples” o que de certa forma “causa” uma boa impressão perante as pessoas menos providas de bens materiais e educacionais.

Neste caso podemos também perceber de acordo com o fragmento, que talvez estivesse havendo uma apropriação por parte do prefeito de recursos oriundos do município em seu benefício, como forma de autopromoção. José Nery “levou o futebol de Picos a um lugar nunca antes atingido. Valorizou o homem picoense e hoje sua cidade é manchete nacional sendo campeã estadual “(O DIA, 19/12/1991, p.16). Deste modo seu nome também ganhava mais popularidade e visibilidade em âmbito regional e até mesmo nacional.

Meus caros leitores e caríssimos eleitores, hoje nos Picos é tudo ou nada. O momento decisivo de todo um trabalho feito pelo prefeito José Nery em prol do futebol picoense. Os seus opositores o chamam de ladrão e demagogo. Torcem por uma derrota do time da casa pra ver a caveira do prefeito. Isto acontece nas melhores cidades do Brasil. O adversário pode até dá uma de migué, mostrar sorriso, mas por dentro quer que o outro se lasque. O tal do pensamento negativo (O DIA, 24/25/ 11/1991, p. 16).

A sociedade Esportiva de Picos parecia ser realmente considerada propriedade do Sr. José Nery e logo ligada a atitudes políticas. O jornalista se direciona a torcida do time não como torcedores mais como eleitores. O mesmo termina esquecendo até mesmo dos jogadores, da comissão técnica, mencionando o Sr. José Nery como se fosse único responsável pela boa campanha da equipe e coloca seus opositores como vilões e dissimulados por não apoiarem as atitudes do prefeito.

Devido as desavenças políticas que o Prefeito colecionava na cidade, quando a SEP não ganhava alguma partida, esta era considerada vitória da oposição. “Para o prefeito José Nery a derrota de 3 X 0 para o Auto Esporte foi mesmo que uma vitória do Abel” (O DIA, 11/10/1991, p.16). Abel de Barros Araujo era ex-prefeito de Picos, mesmo sendo do mesmo partido (PFL (Partido da Frente Liberal)) na época, este era desafeto político de José Nery do qual este último teria sido vice. Segundo o jornal O Dia (24/25/11/1991, p.16), “os adversários torciam por uma derrota do time da casa para ver a caveira do prefeito”, mesmo que muitas vezes de forma implícita como veremos adiante. De acordo com os comentários acima fica evidenciado a forte relação do futebol com a política em Picos naquele período.

De certa forma com o uso do futebol o Sr. José Nery talvez conseguisse conter seus adversários mesmo que fosse por pouco tempo. Com o sucesso da SEP estes praticamente “eram” obrigados a torcer pelo time da cidade.

A Sociedade Esportiva de Picos terá virtualmente toda a cidade torcendo por uma vitória do time picoense. Da boca pra fora todo mundo. Alguns políticos adversos do atual prefeito, claro que estão torcendo pela uma derrota do clube.

Intimamente estão querendo ver a caveira do Zé Nery. Mas não podem torcer contra claramente. Zé Nery sabe disso e conhece os abraços sinceros e os de Tamanduá. (O DIA, 05/12/1991, p. 16)

Podemos perceber através do recorte acima que mesmo que por dentro desejassem uma derrota, (pois as vitorias da SEP eram vitórias de Zé Nery) estes “não” podiam fazer abertamente. Devido a empolgação da população picoense com a boa campanha da SEP,

torcer contra não era de bom tom e poderia comprometer a imagem política daquele que fizesse. Mesmo desejando uma derrota (suponho que não eram todos) alguns vereadores e adversários políticos faziam de forma silenciosa. O povo queria a SEP e eram apaixonados pela Sociedade Esportiva de Picos, ser contra a SEP era mesmo que ser contra a população, e fazer como Sr. José Nery que dava todo apoio a SEP tinha “toda” a simpatia do povo e era isso que ele queria. Alguns políticos, principalmente os vereadores mesmo acusando Zé Nery de utilizar a SEP como ferramenta política também se valeram dela em determinado momento a seu favor, vejamos no próximo tópico.

3.3.1 - OS VEREADORES E AS RELAÇÕES COM A SEP

Baseados nas atas da Câmara Municipal de Picos que tivemos acesso, percebemos uma certa displicência da parte dos vereadores da bancada do prefeito em defender a administração do mesmo. Nas raras vezes que algum deles se posicionou do lado do Prefeito, este o fez de forma sucinta e sem muita consistência. Até mesmo a bancada do Partido da Frente Liberal (PFL) do partido do prefeito lhe faziam oposição, pelo menos boa parte deles. Talvez isso se desse devido a dificuldade de defender o indefensável ou talvez essa falta de defesa fosse a custa do descontentamento da maioria dos vereadores, pois, durante certo período mesmo a Câmara sendo independente, os salários dos vereadores também se encontravam em atraso deixando-os indignados,

O presidente da câmara em exercício lembrou que até mesmo a folha de pagamento do legislativo está em atraso, por falta dos repasses constitucionais a que a câmara tem direito junto ao executivo municipal. Os vereadores José Borges Sobrinho, Francisco Messias, Portela Filho e Gilvan Gomes repudiaram a atitude do prefeito em atrasar os repasses da câmara (Ata da câmara municipal de Picos do dia 14/06/1991, p. 259).

Nestas circunstâncias não tendo outros argumentos, alguns vereadores se utilizaram da SEP como arma política para atacar o Prefeito e justificar seus altíssimos salários. “O salário atual dos vereadores de Picos chega a Cr\$ 850 mil, atingindo cerca de 19 salários mínimos e meio. Isto tem deixado os funcionários municipais insatisfeitos de uma certa forma, uma vez que eles permanecem com seus salários atrasados” (O DIA, 01/10/1991, p. 03). Em ata da câmara um vereador justifica:

Em parte o vereador Portela Filho disse que a imprensa mostra-se omissa e parcial, “porquanto nunca levou ao conhecimento do público que um técnico de futebol em Picos, recebe salário superior ao pago a um vereador”. Assunto levantado depois que o jornalista Erivan Lima falou que o salário dos vereadores em Picos era muito alto” (Ata do dia 27/09/1991, p. 300).

Sendo vítimas de críticas devido aos altíssimos salários, recorriam a SEP para justificá-los e de certa forma acusar a imprensa de fazer vistas grossas em relação a forma como o Sr. José Nery tratava a Sociedade Esportiva de Picos a seu favor, ganhando a simpatia do povo e de certa forma neutralizando “seus adversários que agora contaram até dez antes de falarem dele em praça pública” (O DIA, 19/12/1991, p. 16) e cada vitória da SEP mais forte politicamente o Sr. José Nery se tornava, pois, essas vitórias refletiam de forma positiva a seu favor.

Depois de uma vitória futebolística as pessoas mesmo a cidade passando por momentos políticos “delicados” - foram tomadas por um orgulho imenso e uma alegria hipnotizante. Isso pode ser derivado de muitos fatores, entre eles, a sensação de pertencimento a um lugar (cidade, estado ou país), ou simplesmente de poder se dizer torcedor do clube ou seleção que alcançou a vitória. Em muitos casos problemas de diversas ordens podem estar sendo substituídos pelo grito de campeão. De qualquer forma podemos pensar que pelo menos naquele momento ou em momentos posteriores o indivíduo vai ter um antídoto para algumas inconstâncias mesmo que passageiras.

Estas foram apenas algumas suposições, isto é, pontos de vista sobre o sentimento causado pelo o futebol principalmente diante de uma vitória. Querer determinar tal sentimento seria no mínimo insensatez, o que queremos é tentar mostrar que o futebol pode sim, em alguns momentos causar fortes sentimentos e mobilizar milhares de pessoas. Porém, querer uma grande partida de futebol a uma escola bem equipada ou uma rua bem limpa é uma questão de escolha, e talvez naquele momento grande parte da população preferisse o futebol e foi isso que o Sr. José Nery fez, deu-lhes o futebol, e de certa forma também se beneficiou com isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas fontes apontaram que o Sr. José Nery se apropriou da SEP e pelo menos em se falando do sucesso do time, o político fez um bom trabalho tirando-o praticamente do anonimato e colocando-o no centro esportivo do Piauí, proporcionando até mesmo certo reconhecimento nacional. Com respeito à política, José Nery através da equipe da SEP encontrou um caminho eficaz de aproximação com a população mais humilde, este deixava transparecer a população uma sensação de amizade ou até mesmo uma relação de parentesco tratando direto com as pessoas sem intermediações. Junto com tudo isso divulgava seu nome e aliviava de certa maneira as tensões políticas causadas pelas irregularidades apontadas na sua administração pelos vereadores e registradas nas atas da câmara municipal.

Mesmo as fontes nos apontando irregularidades na administração no período estudado não estamos aqui no lugar de Juiz pra dizer o que é certo ou errado, o julgamento quem fará é o leitor, o nosso objetivo é simplesmente fazer uma relação do futebol com a política na cidade de Picos naquele período, tentar perceber como se davam essas relações e de que forma o mandatário da época se utilizou da SEP como ferramenta política a seu favor, e esperamos ter dado conta.

As análises do material utilizado nesse estudo sugerem que o Sr. Prefeito se utilizou da Sociedade Esportiva de Picos como ferramenta política e nesse quesito foi bem sucedido. Mesmo com tantas denúncias em seu primeiro mandato José Nery foi eleito deputado estadual em 1994 em segundo lugar com 26.045 votos. Em 1996 voltou a prefeitura de Picos, sendo reeleito em 2000, e até hoje “é” aclamado por várias pessoas, principalmente as mais humildes.

Gostaria de terminar minhas considerações finais pelo que foi minha primeira fonte. Em um trecho extraído do jornal Tribuna de Picos encontrado no museu Ozildo Albano, pode se perceber de forma sintetizada tudo o que foi exposto e tentou-se demonstrar nesse trabalho:

A sociedade Esportiva de Picos, que ao ser desclassificada no campeonato estadual teve todo seu plantel dispensado e paralisou suas atividades, já ensaia o seu retorno ao campo como clube de futebol sem sofrer qualquer interferência política. Um grupo de aproximadamente 200 empresários picoenses já assumiu as rédeas do time de Picos e irá mantê-lo sob nova sistemática organizacional. Com o novo comando, o SEP deixa ser objeto de favorecimento político e se auto afirma como clube de futebol, tendo o poder público apenas como colaborador.

O novo SEP será mantido pela iniciativa privada, não mais será escudo político, mas tão somente um clube de futebol (TRIBUNA DE PICOS, 12/12/1992, p. 07).

Desse modo através do recorte acima podemos pensar que o Sr. José Nery realmente usava a SEP como ferramenta para lhe favorecer politicamente. Mesmo com uma administração bastante conturbada e com a cidade sendo pejorativamente chamada de “cidade dos Urubus” devido à sujeira espalhada pelas ruas e uma enxurrada de denúncias de corrupção, a Sociedade Esportiva de Picos servia como uma espécie de escudo político do Sr. José Nery para de certa forma amenizar a repercussão negativa que aquilo pudesse lhe acarretar. E quando o mesmo afirmava que o time voltaria somente como time de futebol sem interferência política, ficava ainda mais evidente que este tinha forte relação com a política picoense.

FONTTES E REFERÊNCIAS

1. JORNAIS:

Tribuna de Picos. Picos – PI, 12 dez. 1992.

O Dia. Teresina – PI, 13 jan. 1990.

O Dia. Teresina – PI, 01 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 06/07 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 11 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 12 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 14 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 20/21 out. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 10/11 nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 15/ Nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 24/25 nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 26/ Nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 15/ Nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 15/16 nov. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 05 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 07 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 15/16 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 17 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 18 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 19 dez. 1991.

O Dia. Teresina – PI, 23 dez. 1991.

2. ATAS:

Atas da Câmara Municipal de Picos de 1991 a 1992 de propriedade da Câmara Municipal dos Vereadores de Picos.

3. INTERNET:

AUGUSTO, Sérgio. **Os Demônios da Multidão**: tudo pode ser explicado pelo futebol, demonstra a Copa América, que apresenta o continente como ele é. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,os-demonios-da-multidao,20063>. Acesso em 15 maio 2014.

A guerra que parou para ver Pelé. Disponível em: <http://almanquesports.blogspot.com.br/2012/03/guerra-que-parou-para-ver-pele-jogar.html>. Acesso em 12 maio 2014.

CARVALHO, Jeremias. **Ídolo picoense, Leonardo faz jogo em picos**. Piauí em Foco. Disponível em: WWW.piauiemfoco.com.br/entretenimento/idolo-picoense-leonardo-faz-jogo-em-prol-da-sep-neste-sabado-em-picos/#.U!

CASSUCCI, Bruno, MARQUES, João Henrique. **Historiador contraria “lenda” e afirma: “Na década de 60, Santos parou duas guerras”**. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/santos/decada-Santos-parou-guerras-Africa_0_677932201.html. Acesso em 12 maio 2014.

Diretas já, 30 anos Praça da Sé, as vozes da democracia. Disponível em: noticias.terra.com.br/Brasil/diretas-ja/. Acesso em 19 jun. 2014.

DRUMOND, Maurício. **Ditaduras e a Bola**: Argentina (1978). Disponível em: WWW.ludopedio.com.br/rc/index/php/arquibancada/artigo/1558. Acesso em 02 jun 2014.

FILHO, Severino. **1971: governo do Piauí manda Santos de Pelé voltar para São Paulo**. Disponível em: WWW.campeoesdofutebol.com.br/especial126.html. Acesso em 19 jun. 2014.

FOLHA ONLINE. **Historia: Itália – 1934**. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/copa/historia.1934.shtml. Acesso em 25 jun. 2014.

FOLHA ONLINE. **Ditador usou copa para ajudar regime**. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/05/1280401-videla-usou-copa-do-mundo-para-ajudar-regime.shtml. Acesso em 17 maio 2013.

LEUZINGER, Bruno. **Noite feliz na terra de ninguém**: natal de 1914. Aventuras na história para viajar no tempo. Disponível em: guidoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/noite-feliz-terra-ninguem-natal-1914-433575.shtml. Acesso em: 25 maio 2014.

Memórias do Chumbo – **O futebol nos tempos do Condor - Brasil**. Disponível em: WWW.youtube.com/watch?v=JYP6MK+WMnc. Acesso em 02 jul. 2014.

MONTEIRO, Marcelo. **Seleção brasileira e o povo do Haiti**: uma relação marcada para sempre. Blog Memória E. C. Disponível em

:<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2010/01/14/selecao-brasileira-e-povo-do-haiti-uma-relacao-marcada-para-sempre/>. Acesso em 03 jun. 2014.

Os Esportes a Serviço da Política. Disponível em: tudosimehistoria.blogspot.com.br/2012/06/os-esportes-sevico-da-politica-html. Acesso em: 02 jun. 2014.

RAMONE, Marcus. **Zé carioca: 65 anos de malandragem.** In: Universo HQ quadrinhos. Disponível em: <http://WWW.universohqquadrinhos.com.br> acesso em 02 de abril de 2013.

Reportagem especial: **futebol e ditadura parte I e II.** Disponível em: observatoriodoesporteunesp.blogspot.com.br/search?q=futebol+e+ditadura, acesso em 15 jun. 2014.

VEJA. **Futebol:** relembre os maiores escândalos do mundo da bola. Disponível em; www.veja.abril.com.br/blog/acevo-digital/futebol-relembre-os-maiores-escandalos-do-mundo-da-bola/

4. BIBLIOGRAFIA:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 272 págs. 2002.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** 23^a ed. São Paulo: Ática, 2001.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

_____. Formação da Classe Operaria e Projetos de Identidade Coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **Brasil Republicano;** da proclamação da República a Revolução de 1930. 1^a Ed. Vol. 1. p. 161/183.

BERSTEIN, Serge. **Cultura Política.** In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). Para uma História Cultural. Lisboa: Estampa, 1997.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP,** São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun.-ago. 1994.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELO BRANCO, Edwar de A. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália.** São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro vilarinho. Juventude e masculinidades. In: história e masculinidades: **A prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas do início do século XX.** Terezina: EDUFPI, 2008. P. 85-119.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro na Belle Époque.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (org.) **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **O que é o Brasil.** In: STRAUSZ, Rosa Amanda (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Vol. 01

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. 568p. : il

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. 568p. : il.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta.** Recife; liber, 1991. 195p. : Il.

DUTRA, ElianA R. de Freitas. **História e Culturas Políticas: definições, usos e genealogias.** Varia História, número 28, dez. 2002.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 107/108.

GOMES, Ângela de Castro. **Cultura política e cultura histórica no Estado Novo**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2007.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊIA, Maria de Fátima S.. **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 453/480.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas as corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 35/70.

_____. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 71/106.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na 1ª República**. 6ª ed. São Paulo: Atual, 2001.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. As múltiplas portas da cidade no centenário de Teresina. In: _____. (org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina: EDUFP. Imperatriz – MA: Ética, 2010.

NEGREIROS, Plínio Labriola. O Brasil no cenário internacional: jogos olímpicos e copas do mundo. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 293/330.

ODÁLIA, N. **As formas dos mesmos**: ensaios sobre o pensamento de varnhagen e Oliveira Viana. In: _____. (org.). São Paulo: Editora UNESPI, 1997.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania**; uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RÈMOND, René. Uma história presente. In. _____ (org.). **Por uma história Política**. 2 ed. Rio de Janeiro. FGV, p. 13-36.

ROCHA, Cleane Maria Alves. **Relações de gênero e presença feminina na guerra do Paraguai (1864 – 1870)**. 2011. 89f. Monografia. Curso de Licenciatura Plena em história. Universidade Federal do Piauí. Departamento de Geografia e História – DGH. Campos Petrônio Portela, Teresina – PI.

RODRIGUES, Francisco Xavier freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional: (1997-2002)**. Dissertação (mestrado em sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 180p.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: DEL PRIORE, Mary ; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 179/212.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In. _____ (ORG.). 2ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

SILVA, Eliazar João da. **A seleção brasileira de futebol nos jogos da copa do mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional**. 2004. 333p. Universidade Estadual Paulista. História e Sociedade.

SOUSA, Luzifrank Junior de. **A história entra em campo: história da Sociedade Esportiva de Picos – SEP**. 2011. 78f. Monografia. Curso de Licenciatura Plena em História. Universidade federal do Piauí. Campos Picos.